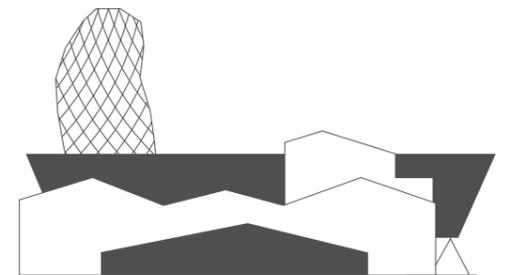


Quando vamos começar o ontem

Unidade de Vida Articulada da Tapera

volume 2 : Caderno de Projeto

Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina | por Rafael Magno de Moraes | Orientação de Lucas Sabino Dias



as inquietações



OS CAMINHOS

A DISTOPIA

A UTOPIA

A ARQUITETURA

A NATUREZA

O AMANHÃ

“Se aceitamos que a sociedade é construída e imaginada, também podemos creer que ela possa ser reconstruída e reimaginada”
- David Harvey

Em meio ao bombardeio de notícias da nossa atualidade, e o forte impacto que a pandemia causou em nossas vidas, este trabalho se consolida em um momento não só de incertezas, mas de reflexão.

Foi um longo processo de imaginação e leitura onde tentei imaginar os possíveis rumos da sociedade, no papel da arquitetura na formação desta minha visão de mundo. Afinal projetar diz respeito ao futuro, e como um projeto, então, poderia em sua menor escala impactar uma região e impulsionar em mudanças.

Nada é então definitivo, tudo está em uma constante construção e adaptação. Pensar em

novas maneiras de viver faz parte desta luta contra os paradigmas atuais da sociedade, e com isso utilizar pensamentos de utopia e distopia como um exercício de reflexão, ajudando a dar forma e visualizar estas tendências e anseios para o amanhã.

Em meio a estes pensamentos, é notório o fortalecimento de pautas ecológicas e sustentáveis nos discursos de grandes potências mundiais, que há algumas décadas vem sendo repetido. O que faltam não são ideias ou soluções para as cidades, mas sim uma forma de implementá-las, e com isso que me indaguei com a pergunta, “Quando vamos começar o ontem?”

O Brasil atualmente tem um papel fundamental nesta conexão entre o ambiente construído e o natural, e vejo nele um potencial incrível neste aspecto.

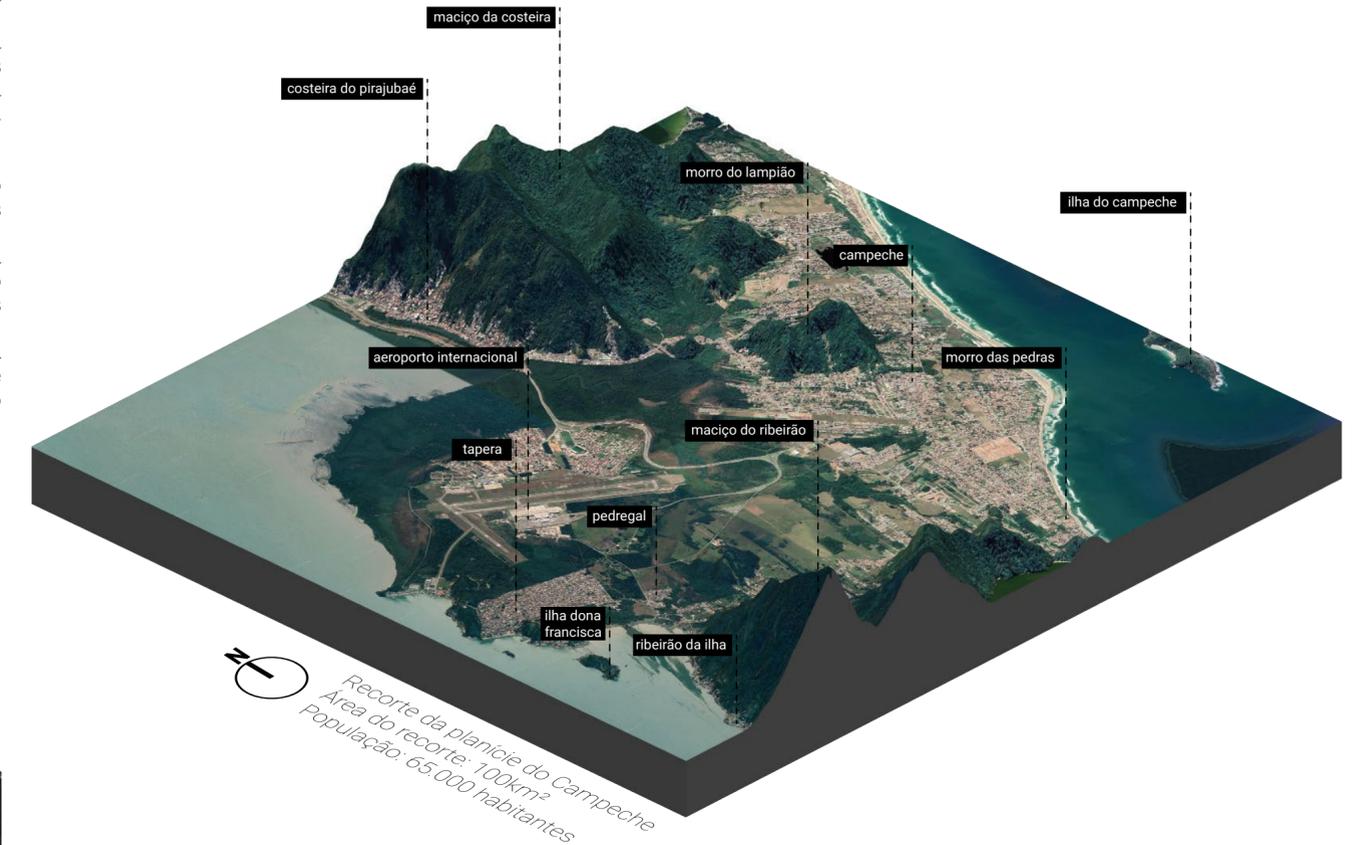
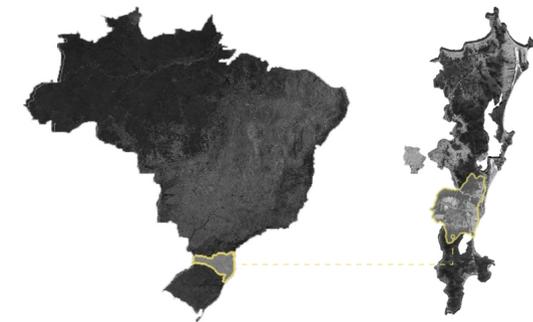
Com este trabalho então, tento criar uma forma de utopia particular, me embasando em uma realidade mais local e palpável, com o objetivo de criar um foco de conexões sociais ecológicas e educacionais para uma região, bairro e comunidade. Planejo transitar entre as diferentes escalas do projeto arquitetônico e urbano a fim de abraçar uma gama de possíveis soluções e materializar meus pensamentos e inquietações.

Assim como o Brasil, Florianópolis tem um grande potencial no aspecto ambiental. A ilha possui mais da metade de sua superfície como área de proteção ambiental, criando com isso as vastas paisagens verdes e os belos cenários conhecidos nacionalmente.

Porém também acarretou em uma dinâmica de crescimento urbano muito peculiar, com bairros bem consolidados e mal conectados, gerando uma cidade espalhada e meio a um caos viário, chegando a ganhar título internacional de capital da imobilidade urbana. Muito pelo fato da cidade crescer apertada entre a floresta e o mar.

Florianópolis tem no início de sua história a cultura do cultivo e da pesca, muito atrelados aos ambientes nativos da ilha, e especificamente o sul da ilha, ajudou de maneira significativa a criar esta imagem de ilha da magia, palco das histórias de Franklin Cascaes. Com o crescimento, e a mudança de caráter da cidade, esta cultura vem perdendo espaço para o turismo sazonal, mas ainda se torna muito presente em bairros mais voltados às baías.

Com maior ênfase na Planície do Campeche, a região vem tendo sua expansão tardia (se comparado ao norte da ilha, por exemplo) chegando a 65mil habitantes nos últimos 10 anos e tendendo a dobrar nos próximos 10. Esta expansão se deu principalmente na porção leste da planície por conta de seu apelo turístico e a proximidade às praias. Entretanto, criou-se uma dinâmica muito peculiar nos bairros localizados ao oeste da planície.



as relações



Com um foco na bacia do Ribeirão, ainda apresenta uma dinâmica mais local e atrelada a cultura ilha, voltada ao cultivo e à pesca. Com uma saída de campo tentei analisar estas relações existentes para iniciar o pensamento de um projeto que pudesse se basear nas pré-existências, e nos detalhes dos destas relações para assim mesclar-se à elas e fortalecê-las.



Rua José Olímpio da Silva
- Pedregal

Uma das ruas principais da região, de um lado da via é possível notar habitações e o comércio local, bares, que atraem uma vida ativa pelos arredores e geram circulação de pessoas por suas calçadas. Porém, do outro lado, há uma parede de árvores, fazendo parte de uma área de preservação cercada e intocada, servindo como muro e plano de fundo.

Servidão Ismael João da Silva
- Tapera

Em ruas locais ainda é possível notar pequenos comércios de ajudam a dar movimento e suprir a demanda de serviços para os bairros.



Servidão Waldemar Joaquim da Silva Filho
- Alto Ribeirão

Em diversas situações a Floresta acaba sendo o ponto de fuga das vias, não servindo muito como um lugar de estar e passeio. Temos diversas paisagem naturais e uma forte massa de vegetação na ilha, mas muitas vezes somente no horizonte, não refletindo diretamente na vida das pessoas.

Servidão Waldemar Joaquim da Silva Filho
- Alto Ribeirão

Outra vez muros baixos e a conexão com a rua, porém com uma área verde livre. É possível notar um início de horta e a vontade de integração dos moradores com a vegetação.



Rua dos Pinheiros
- Tapera

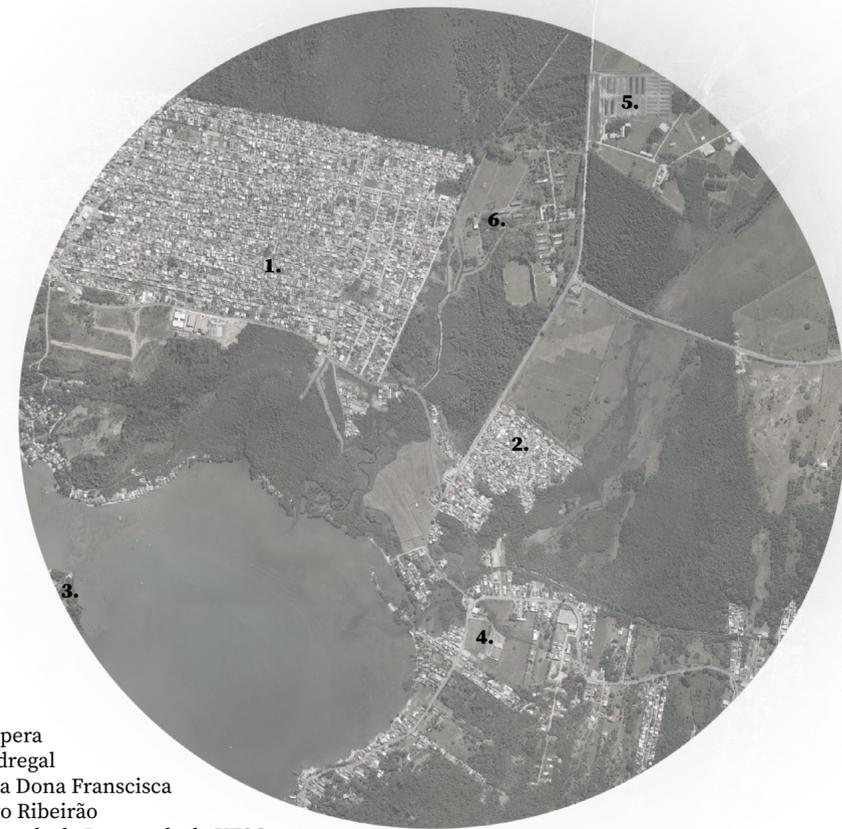
A relação entre muros baixos e a rua dá um caráter de vizinhança e apropriação do ambiente público a pontos da região. Por outro lado, são constantes os ponto de área de preservação inutilizada e cercada como uma forma de preservar a floresta.

Rodovia Açoriana
- Tapera

A natureza pode ser muito mais do que somente uma paisagem. Tento pensar e gerar esta provocação de um rio com uma utilidade para além de espaço de contemplação, mas sim um possível via e espaços de estar e passeio. Com uma cultura já bsatente voltada para o mar e a água, as possi bilidades existem.



O recorte



1. Tapera
2. Pedregal
3. Ilha Dona Francisca
4. Alto Ribeirão
5. Fazenda da Ressacada da UFSC
6. Área de Treinamento da CELESC



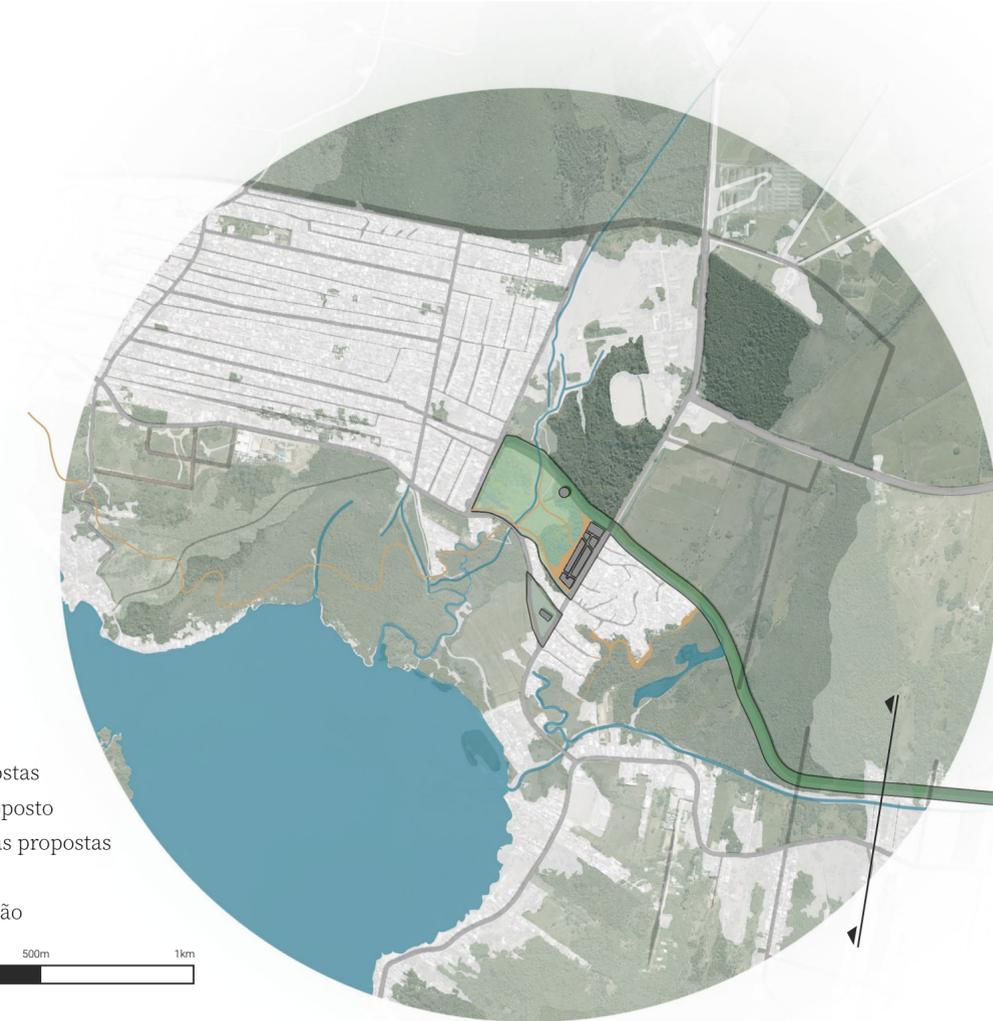
Conforme já observado, a Tapera se encontra isolada com um único acesso viário, e separada fisicamente, em relação ao Pedregal, por uma massa de vegetação em área de proteção porém com grande parte sendo reflorestamento de Pinus.

O terreno em questão pertence a empresa estadual CELESC e era utilizado como centro de treinamento e alojamento de funcionários. Porém hoje já possui outras menores funções.

Destaco também o desenho da via expressa proposta, que não leva em consideração as curvas de nível em seu trajeto, que poderia dar espaço a um parque linear que costurasse os bairros da região até o leste da planície com um traçado que se aproximasse das residências existentes, das cursos de água, e da rua principal do bairro Alto de Ribeirão.



- via de trânsito rápido prevista no PD
- parque linear proposto
- caminhos e trilhas propostas
- cursos d'água
- reflorestamento de pinus



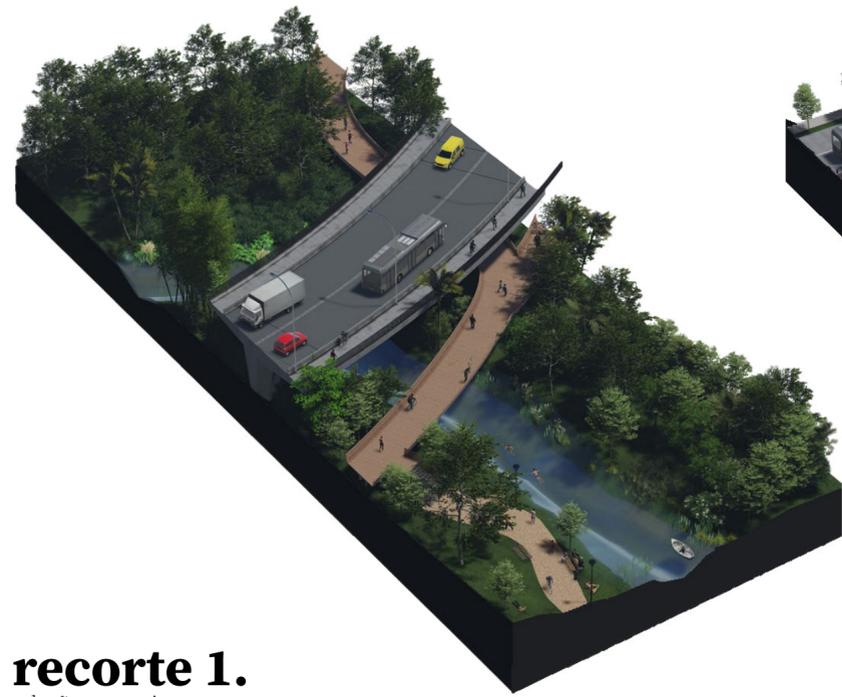
- edificações propostas
- parque linear proposto
- caminhos e trilhas propostas
- cursos d'água
- área de intervenção



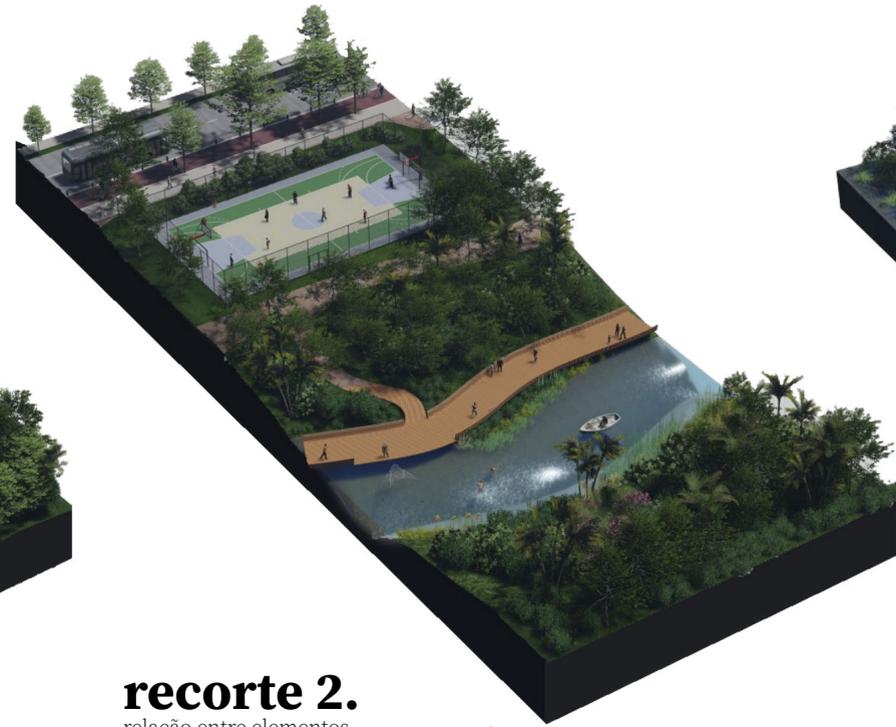
Esta proposta urbana criaria uma conexão ecológica que facilita o trânsito de pessoas pela região e ao mesmo tempo cria uso para áreas de preservação.

Este uso pode ser visto como uma maneira de apropriação do espaço e educação ambiental, de forma a dar melhor identidade a estas áreas e um pertencimento da população à ela. Seria possível reduzir os avanços ilegais sobre a mata e criação dos "olhos da floresta" em referência aos olhos da rua de Jane Jacobs.

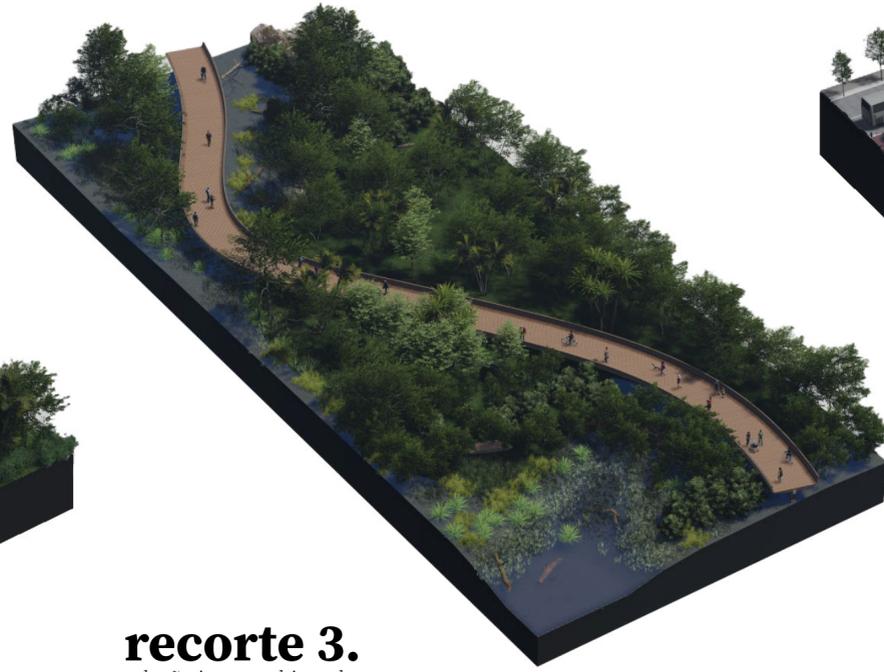




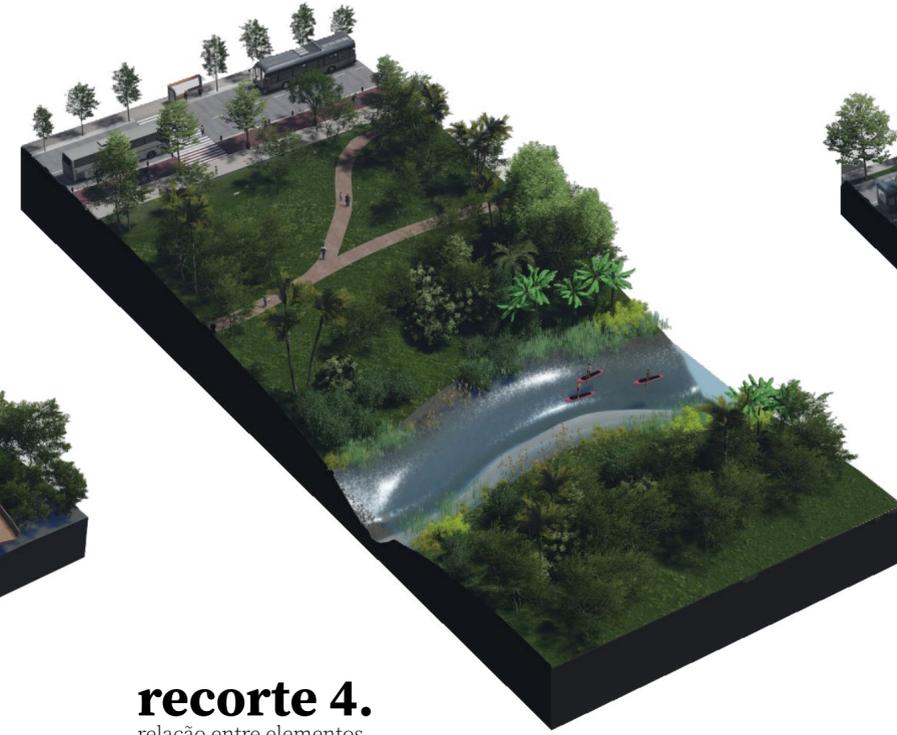
recorte 1.
relação entre vias
automotivas, vias peatonais
e vias hídricas



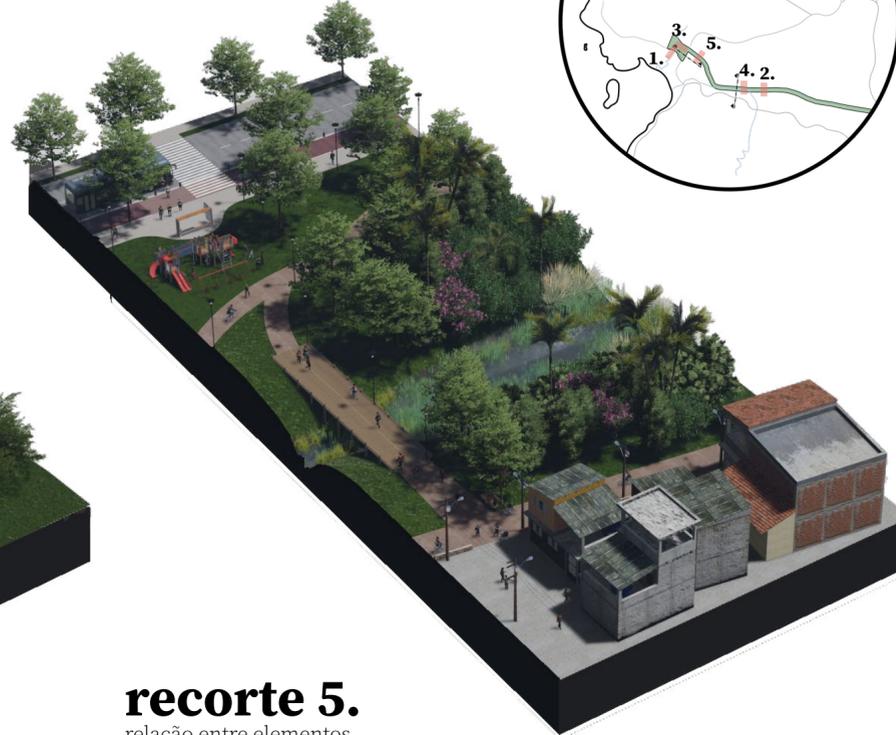
recorte 2.
relação entre elementos
do parque linear: BRT;
ciclovía; passeios; rio.



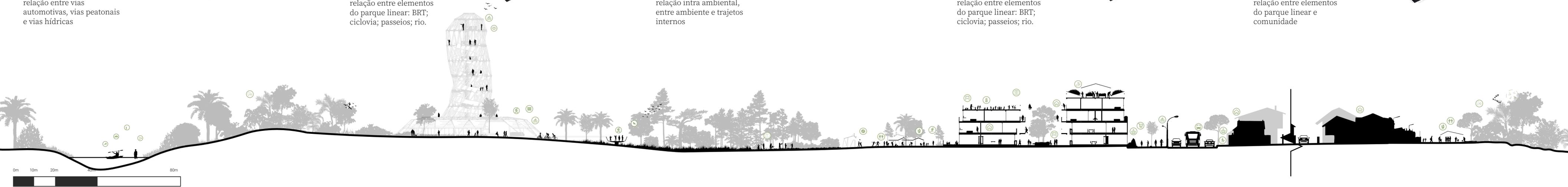
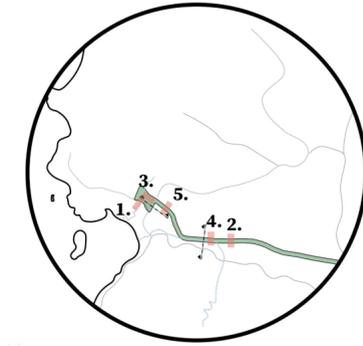
recorte 3.
relação intra ambiental,
entre ambiente e trajetos
internos



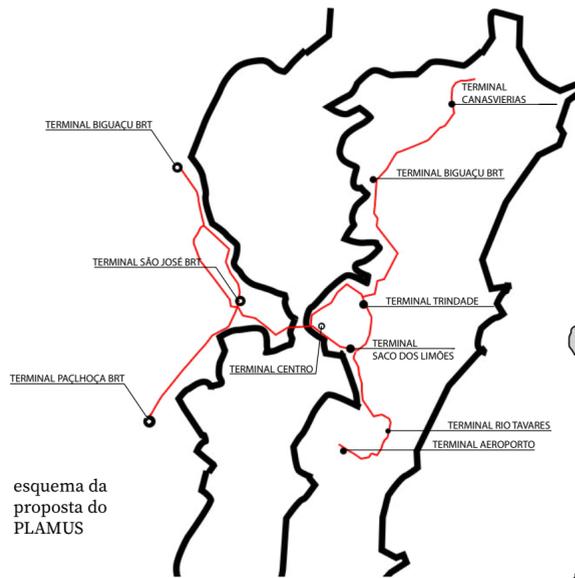
recorte 4.
relação entre elementos
do parque linear: BRT;
ciclovía; passeios; rio.



recorte 5.
relação entre elementos
do parque linear e
comunidade

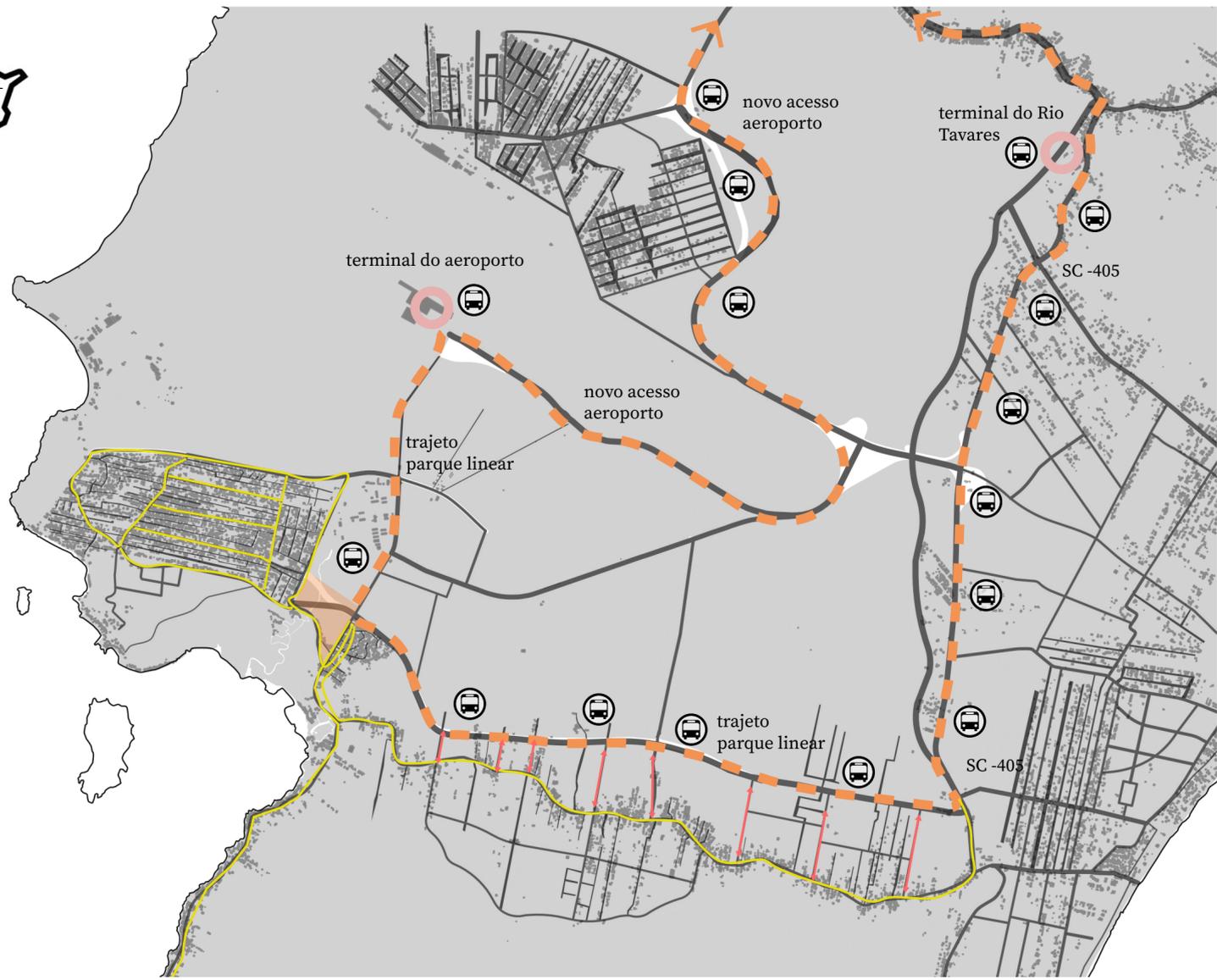


as conexões com a cidade



Na proposta do PLAMUS (plano de mobilidade urbana Sustentável da Grande Florianópolis) há uma proposta de conexão intermunicipal via BRT. Nela é apontado que o BRT chegaria até o aeroporto facilitando a conexão do sul da ilha com o Centro, UFSC e outro pontos importantes. Com base nele, uma pequena mudança de trajeto local qualificaria melhor este trajeto e o alcance do plano de mobilidade via BRT, passando pela SC-405 e pelo parque linear antes de chegar ao aeroporto.

- terminais urbanos
- área de intervenção
- trajeto de BRT proposto
- vias existentes no plano diretos
- trajetos de ônibus locais
- novas conexões entre bairro e BRT



ações de projeto

Primeiramente houve uma análise das vias existentes e áreas edificadas para criar **um projeto que se amarrasse à trama urbana e ao mesmo tempo às áreas de vegetação**

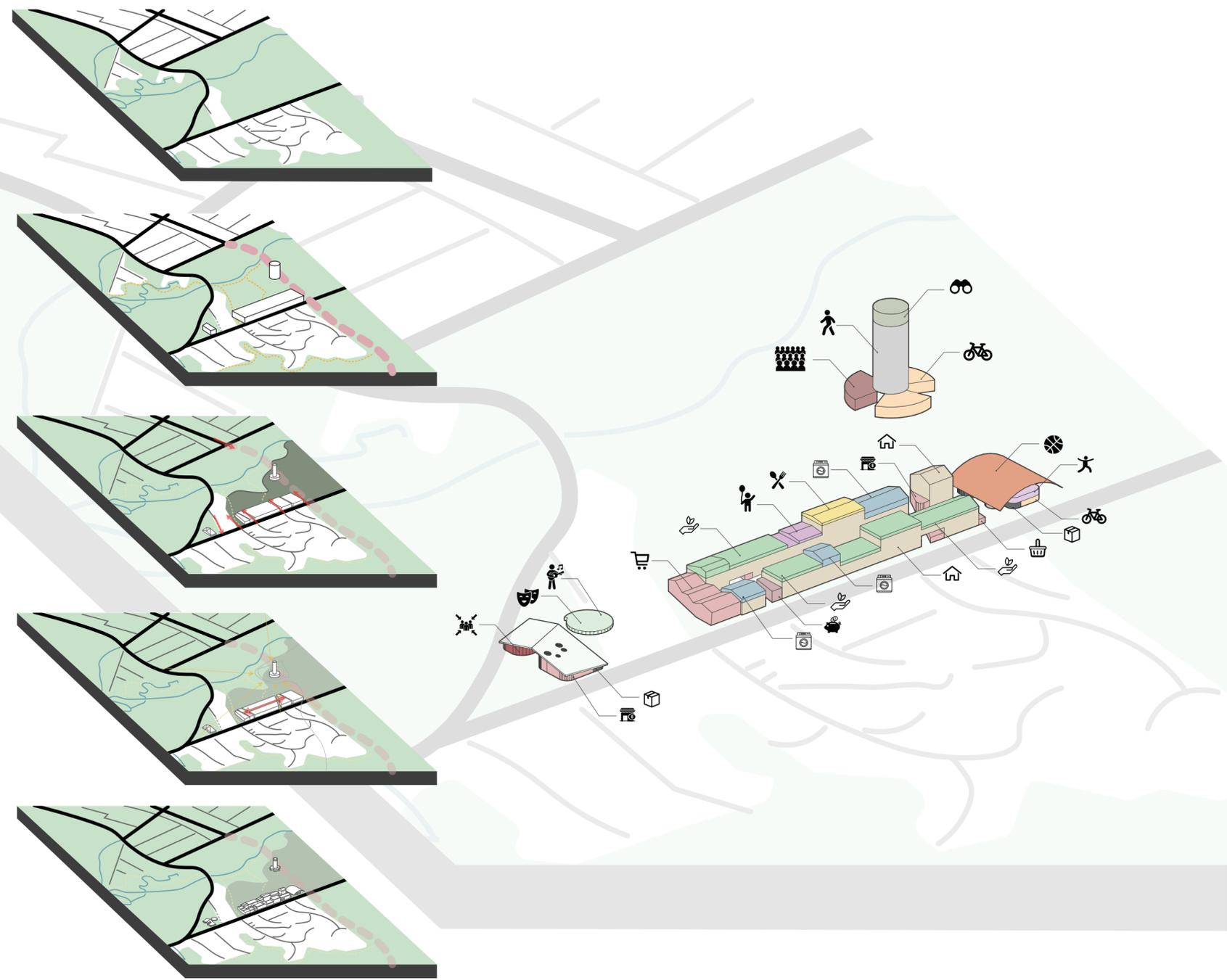
Com o parque linear ao norte da área de intervenção, criou-se volumes que pudessem gear vida e conexões entre os os bairros. **Respeitando e reforçando as relações de edificações e vias existentes.** Trajetos peatonais contornam as áreas edificadas, visando criar além de um caminho, uma forma de frear o avanço das construções e expansões urbanas.

Com o intuito de preservar o ambiente, as edificações foram pensadas em **ocupar somente áreas de reflorestamento** de pinus. Também houve a preocupação de **criar entradas que se alinhassem com a malha viária existente**, tanto para a chegada do parque linear na Tapera, quanto nos acessos ao programa edificado.

A partir de uma cota mais elevada no interior da área de intervenção foi proposto um **volume mais alto que serviria como ponto focal** de diversas parte do parque e região, alterando assim algumas aberturas nos volumes propostos.

Uma via interna paralela a rua principal traz **uma nova dinâmica ao interior dos volumes**, criando novas formas de conexão.

Como forma final, houve uma preocupação com a imposição do projeto e o ideal de urbanidade a ser criado, assim dando maior dinamicidade às alturas e aberturas, criando uma relação mais agradável com os usuários e a via principal.



a proposta



A proposta então se trata da criação de 4 volumes que se relacionam entre si e com as diferentes escalas do projeto. Todos com uma função específica e com um programa que surgiu das análises e demandas notadas pelos bairros, estes sendo: Uma praça frontal voltada para as conexões e necessidades da comunidade; Um corpo de habitações com áreas comerciais junto a uma das vias principais da região fomentando a vida ativa, a cultura de cultivo e o movimento de pessoas pelo projeto; uma torre de mirante e arena esportiva voltadas ao parque linear dando um apoio à cidade no quesito lazer, esportes.

Por se tratar de diferentes escalas (cidade, comunidade, habitação) e diferentes públicos, houve a tentativa de entender melhor quais seriam estes públicos e como o projeto poderia se adequar e se dividir em suas diferentes esferas. Os gráficos abaixo representam as formas com que cada elemento seria financiado aos seus públicos, e quem por sua vez arcaria com as despesas e manutenções de cada área do projeto. Algumas áreas seriam de domínio e e custos do município, outras fornecidas pelo município porém geridas pelas comunidades, lojas e salas seriam

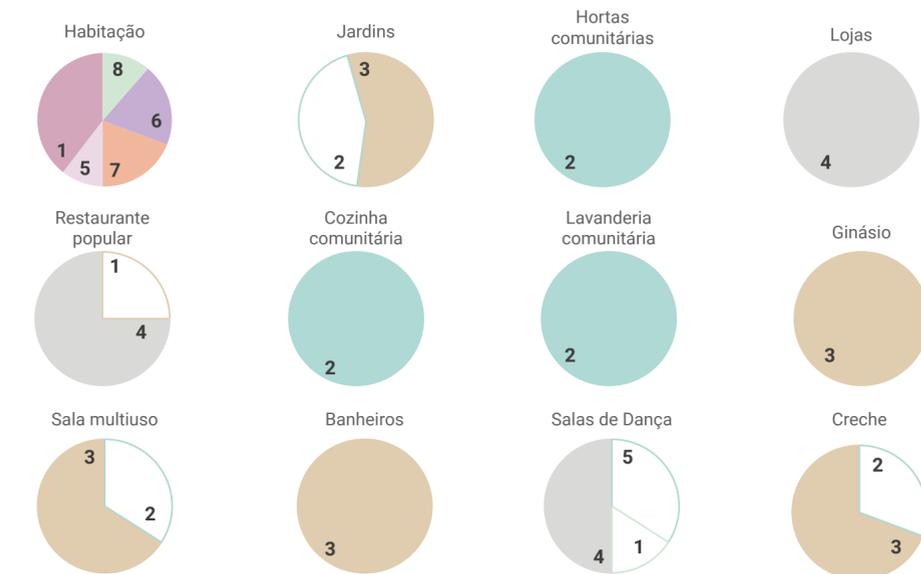
licitadas e alugadas, por exemplo.

Ao que se refere à habitação, ela poderia se fragmentar afim de pluralizar seus usuários e atingir o maior número de demandas. Uma parte principal se voltaria ao aluguel social, como também uma forma de regular os preços das moradias; Uma porção destinada a realocação de famílias que já se encontram em áreas de risco ou em avanços ilegais na natureza; Uma terceira parte voltada a moradia estudantil e uma parceria com a fazenda e laboratório da UFSC; Por fim uma última parcela poderia ser vendida a terceiros ou focada em alugueis temporários afim de arrecadar

verbas para a manutenção e gestão do espaço.

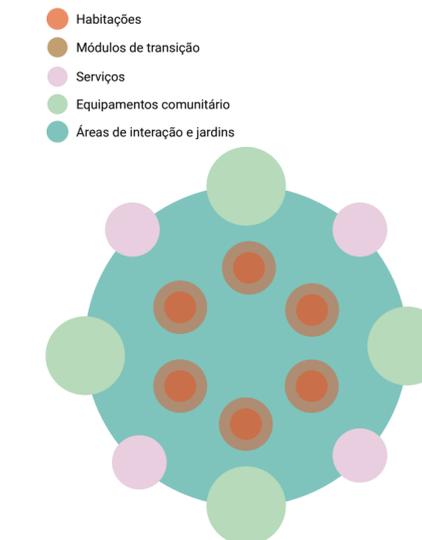
O programa então cria um diverso público alvo que tende a utilizar espaços em comuns e interagir neles, todos serviços, áreas comunitárias e habitações se relacionariam por uma sequência de jardins e pátios focados na interação humana e nas possibilidades delas.

financiamentos do programa

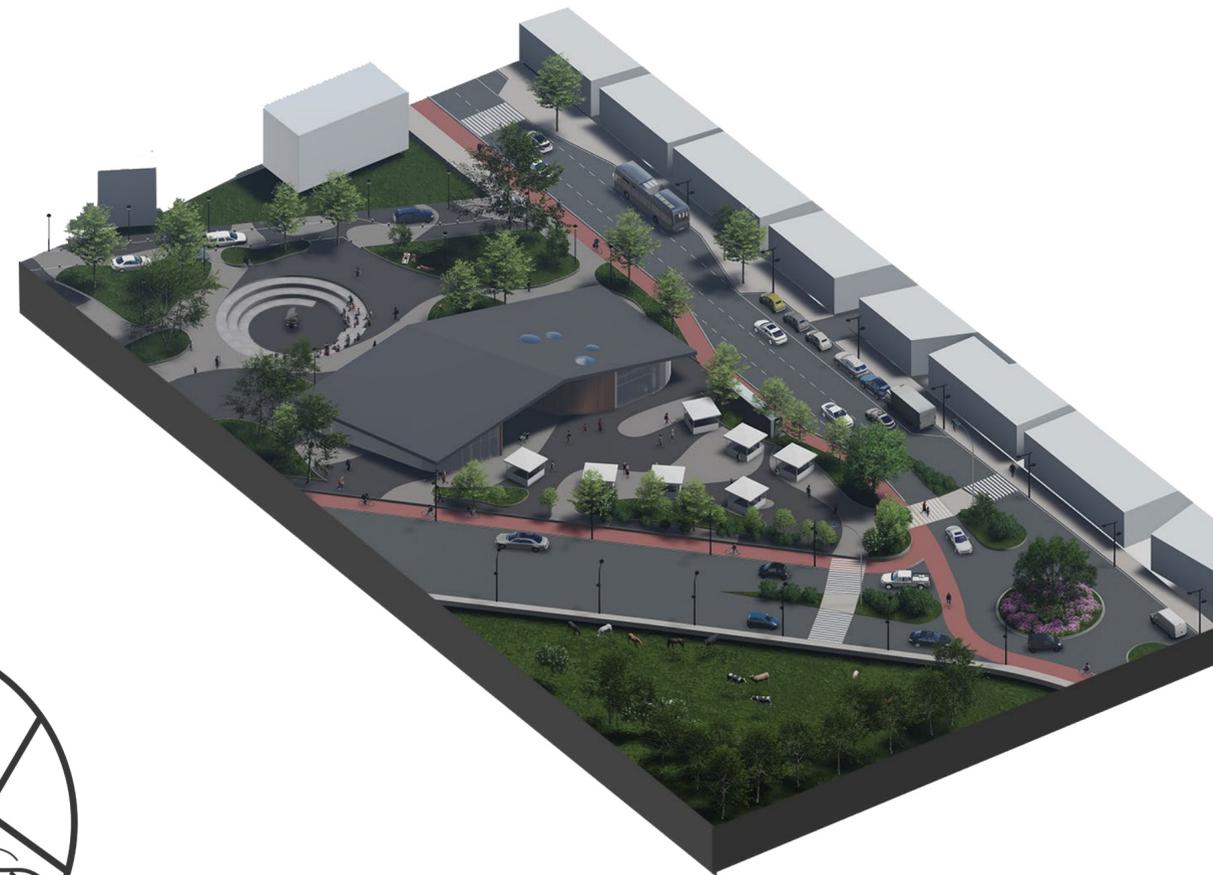
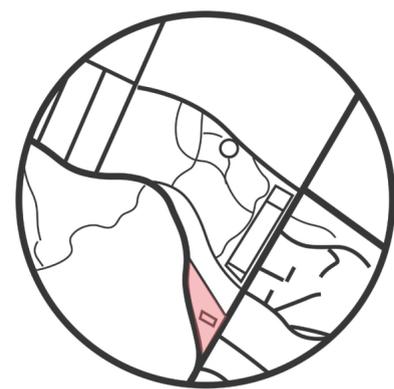


- 1. Apartamentos são financiados pela prefeitura em um sistema de aluguel social
- 2. O espaço é financiado pelo comunidade e seu uso é livre.
- 3. O espaço é financiado pela prefeitura, e seu uso é livre.
- 4. As lojas serão financiadas e utilizadas por um agente sob licitação.
- 5. Apartamentos são destinado a realocação de famílias em áreas de risco e ocupam áreas de proteção.
- 6. Apartamentos são destinado à moradia estudantil.
- 7. Apartamentos são destinados à aluguel temporário com renda voltada à manutenção do conjunto.
- 8. O espaço é financiado através da utilização individual.

interações do programa



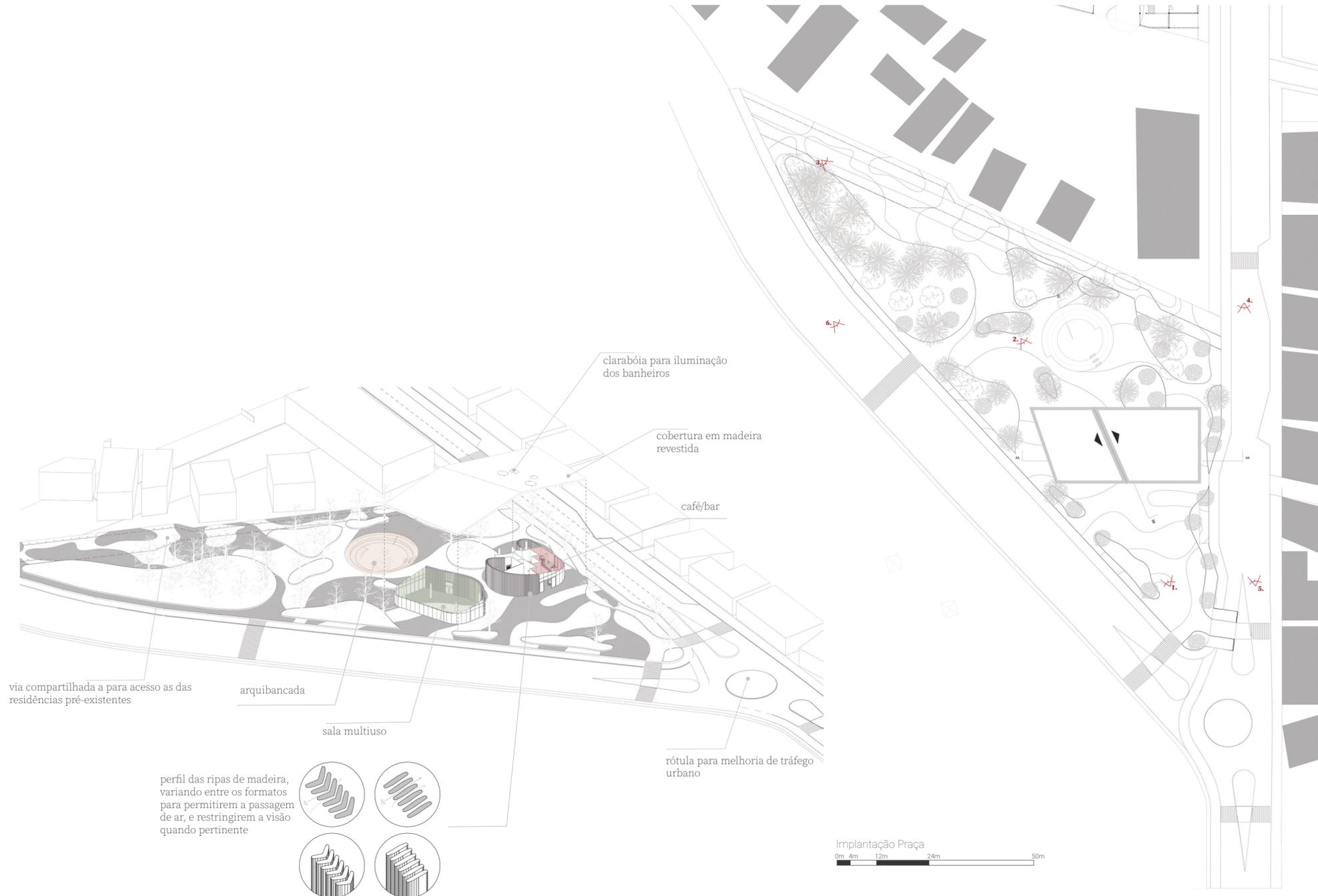
a praça

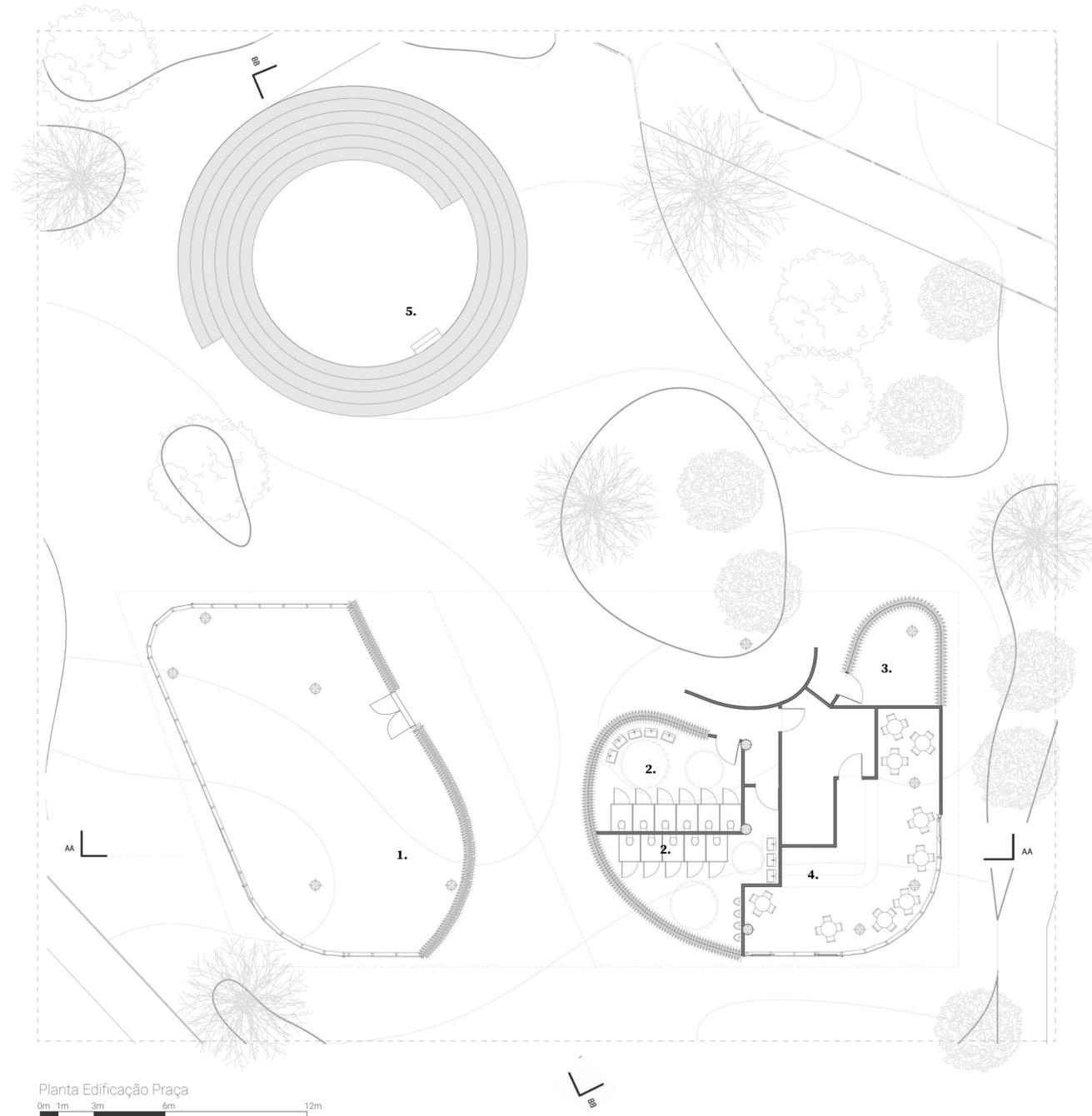


Como primeiro atrativo do projeto, a praça traz em um nó viário a conexão entre os bairros do Pedregal, Tapera, Alto do Ribeirão e Ribeirão da Ilha.

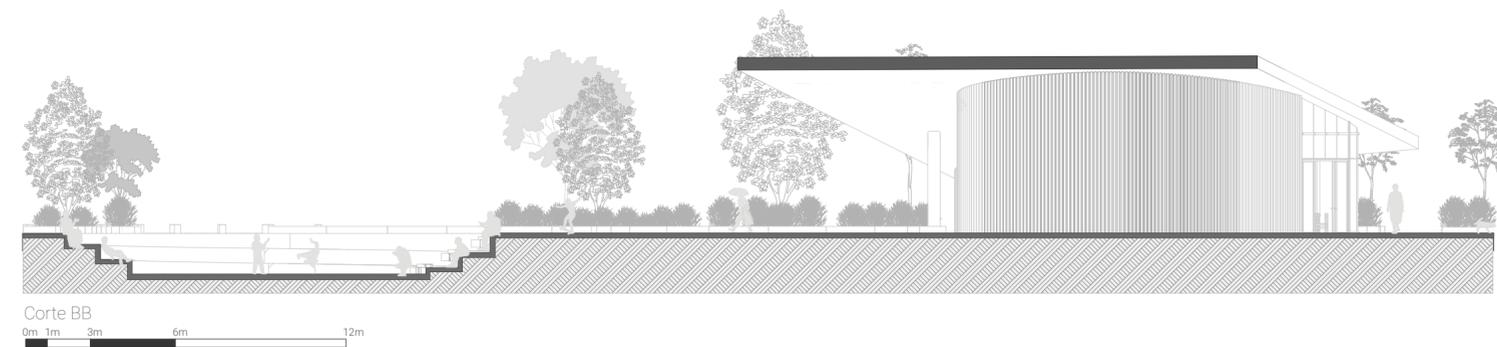
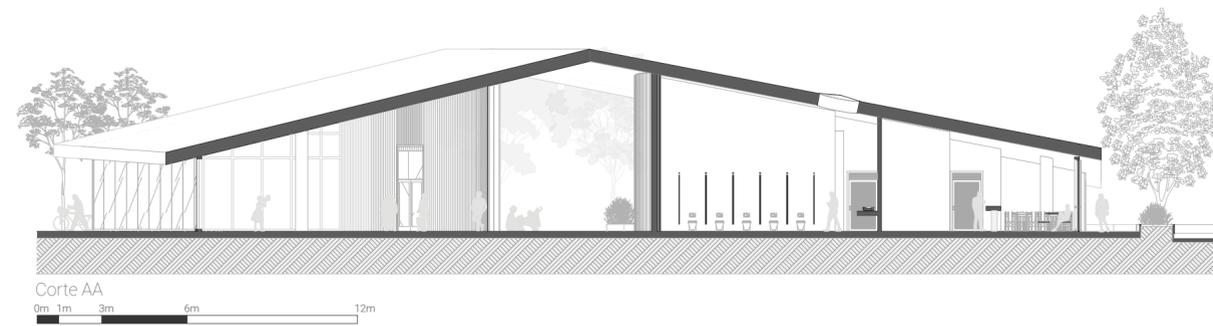
Onde hoje atualmente é um estacionamento de caminhões, a praça abraça a necessidade de encontro e eventos da região, possuindo uma parte menos arborizada para a realização de feiras e festas, e uma porção com vegetação mais densa trazendo sombra em ambientes de estar.

A edificação cria dois volumes que se conectam com ambos lados da praça por um caminho coberto. Estes fornecem a ela banheiros, café, bar, e uma sala multiuso que pode ser utilizada para eventos e assembléias da comunidade.





1. sala multiuso | 2. banheiros | 3. depósito
 | 4.café | 5. arquibancada





1.



2.



3.



4.



5.

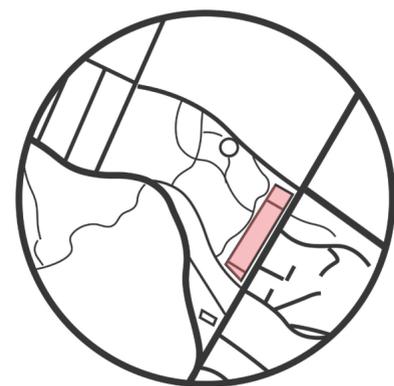
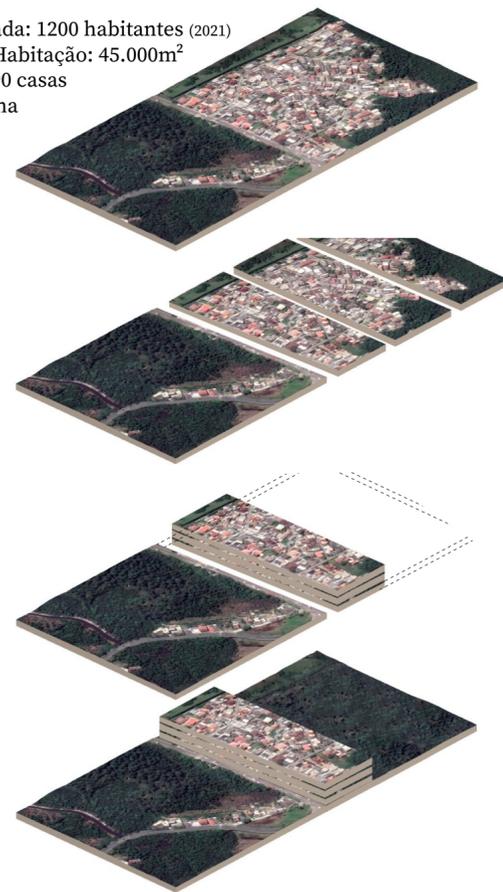


6.

as habitações

Pedregal

População aproximada: 1200 habitantes (2021)
Área Construída de Habitação: 45.000m²
Número de Casas: 290 casas
Densidade: 257 hab/ha



Com o projeto pautado nas pré-existências da região e suas dinâmicas, o projeto das habitações teve seu início pensando nas densidades dos assentamentos existentes e o uso do espaço deles. Observando a comunidade do Pedregal como estudo de caso, nota-se que possui uma densidade muito menor do que as previstas no plano diretor para uma Zeis (800hab/ha em relação aos aproximados 257hab/ha existentes), e assim utilizando uma extensa área para alojar estas pessoas, que vem crescentemente avançando sobre o manguezal fora da vista e do controle dos órgãos fiscalizadores.

A proposta, por sua vez, se trata em manter uma densidade não muito elevada como a atual, e tenta criar uma verticalização das habitações com a ideia de promover maior adensamento entre residências e liberando maior espaço para a preservação e outras atividades ecológicas.

Outra condicionante importante a ser tomada como prioridade foi a área de ocupação do solo utilizada pelo projeto, pois por se tratar de um amplo projeto social e ecológico, seria interessante manter a taxa de ocupação inferior aos 10% requeridos em Áreas de Preservação de uso Limitado. Seguindo essas duas premissas obteve-se um volume que ocupa então 4.000 m² de solo em uma densidade total de 337 hab/ha, trazendo maior vida e usos ao projeto, além de muitos outros serviços e apoios à comunidade local.

as habitações



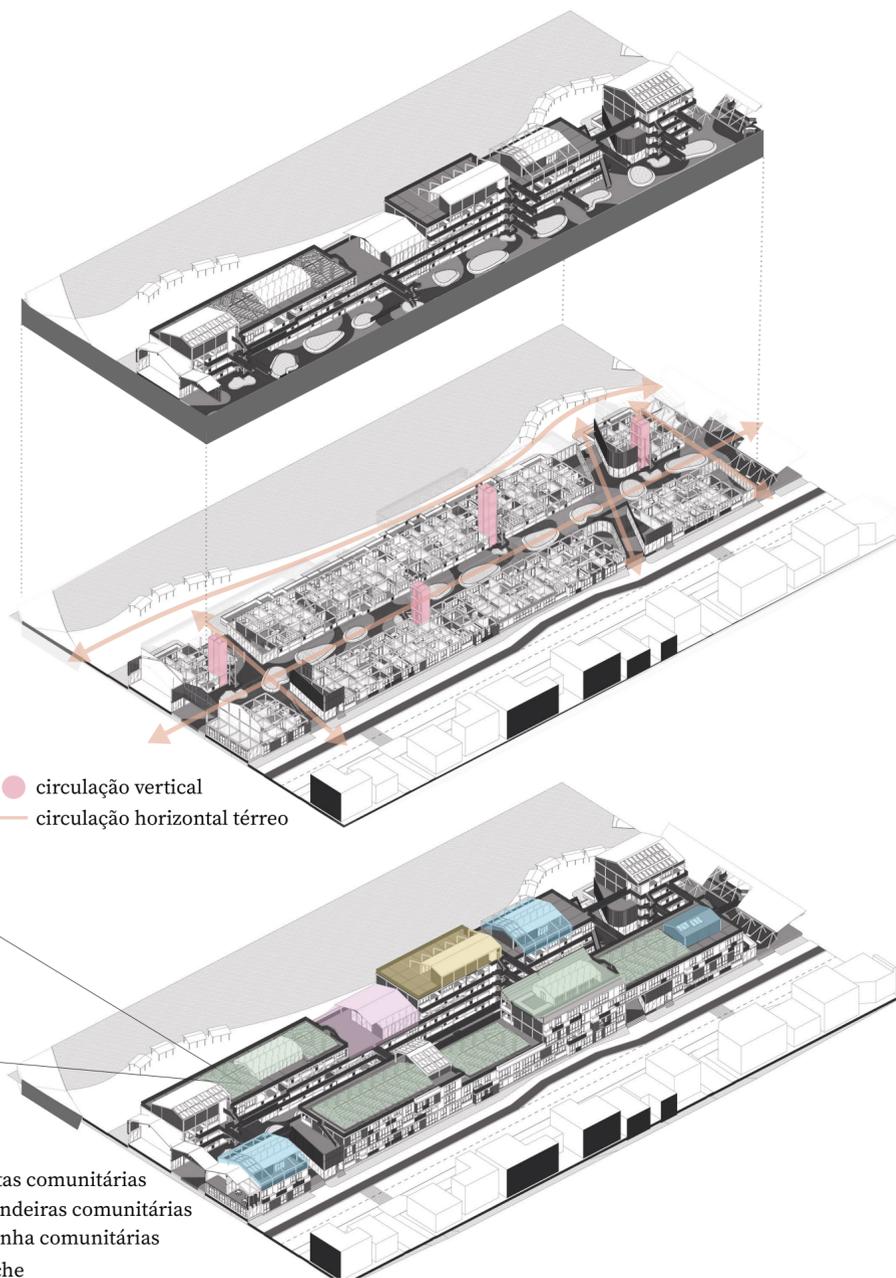
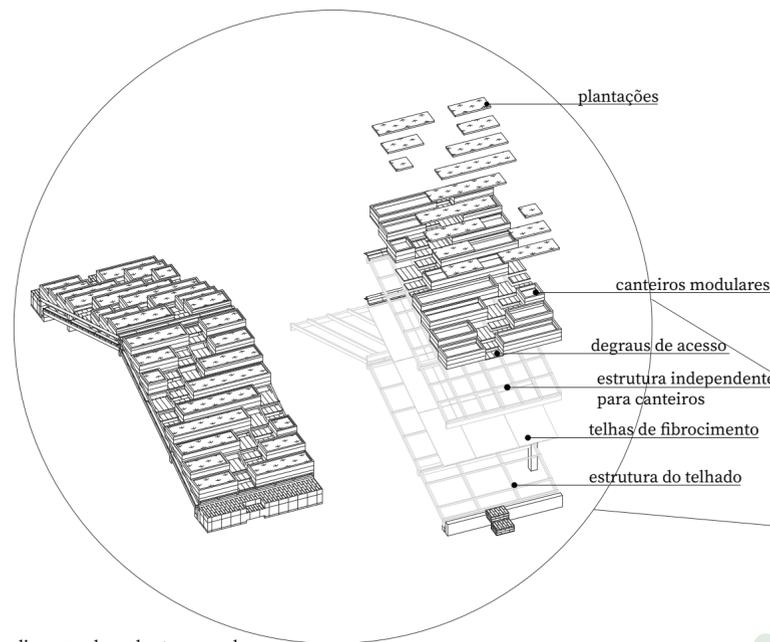
As habitações foram pensadas em servir não apenas como residências mas também dando apoio aos moradores com serviços e bens comunitários, incorporando as dinâmicas notadas nos bairros adjacentes.



as habitações

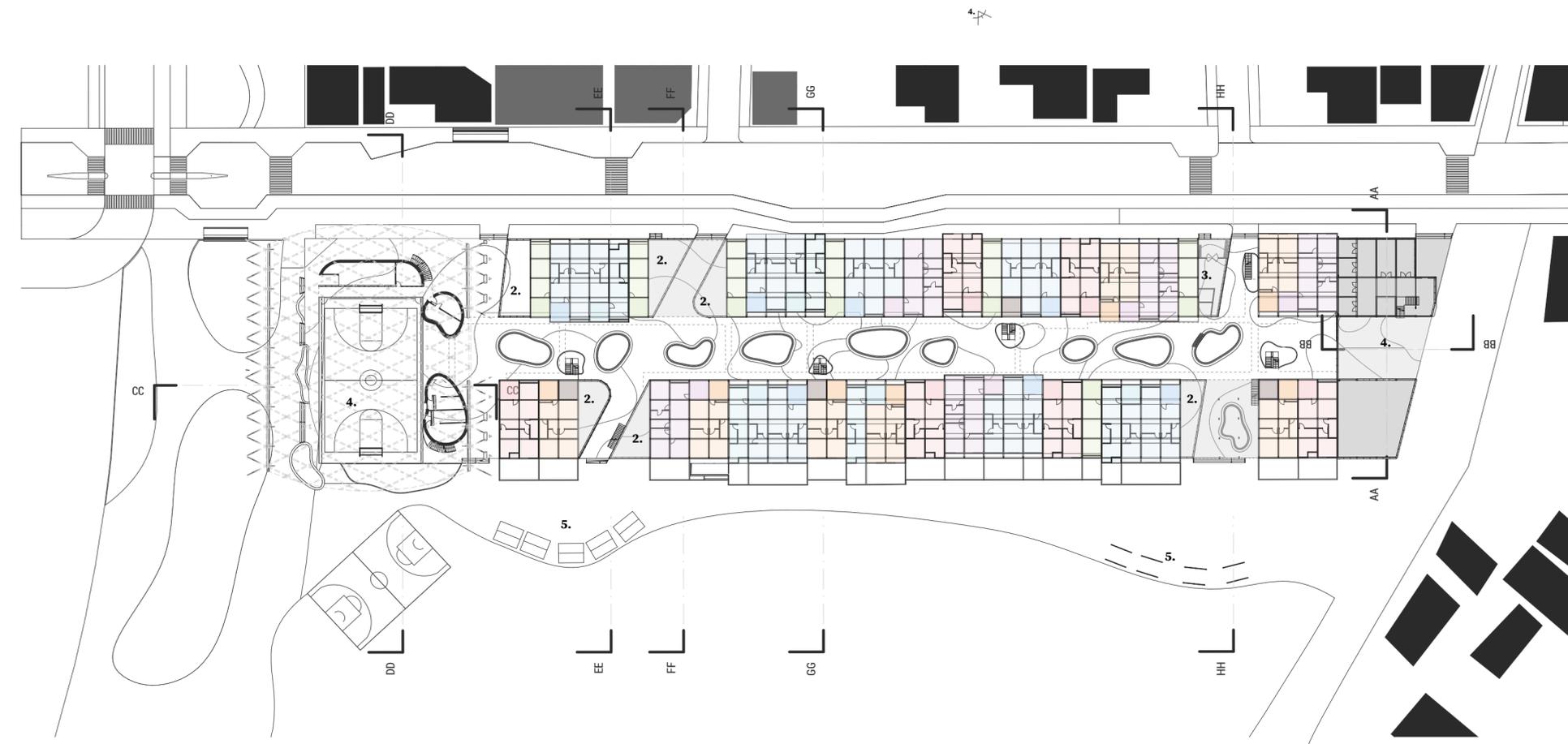
O interior do bloco de habitações foi projetado para criar os acessos dos apartamentos, por meio de um ambiente arborizado com áreas de estar e interações no térreo, e passarelas nos andares superiores. Juntamente ao térreo, foram incorporados pontos comerciais e uma agência bancária nas esquinas de acesso, dando suporte aos moradores a à região. As coberturas recebem as funções de apoio aos moradores, contando com cozinha comunitária, lavanderias comunitárias, creche, e hortas comunitárias. O projeto então cria 3 fluxos distintos, se alterando pelas dinâmicas propostas neles. Um fluxo externo

pela calçada da rua principal com um caráter mais voltado à cidade, um fluxo interno mais voltado para moradores, e um posterior ao volume que se integra melhor à vegetação e ao parque linear, com áreas para confraternização, churrasco, passeio, e lazer.



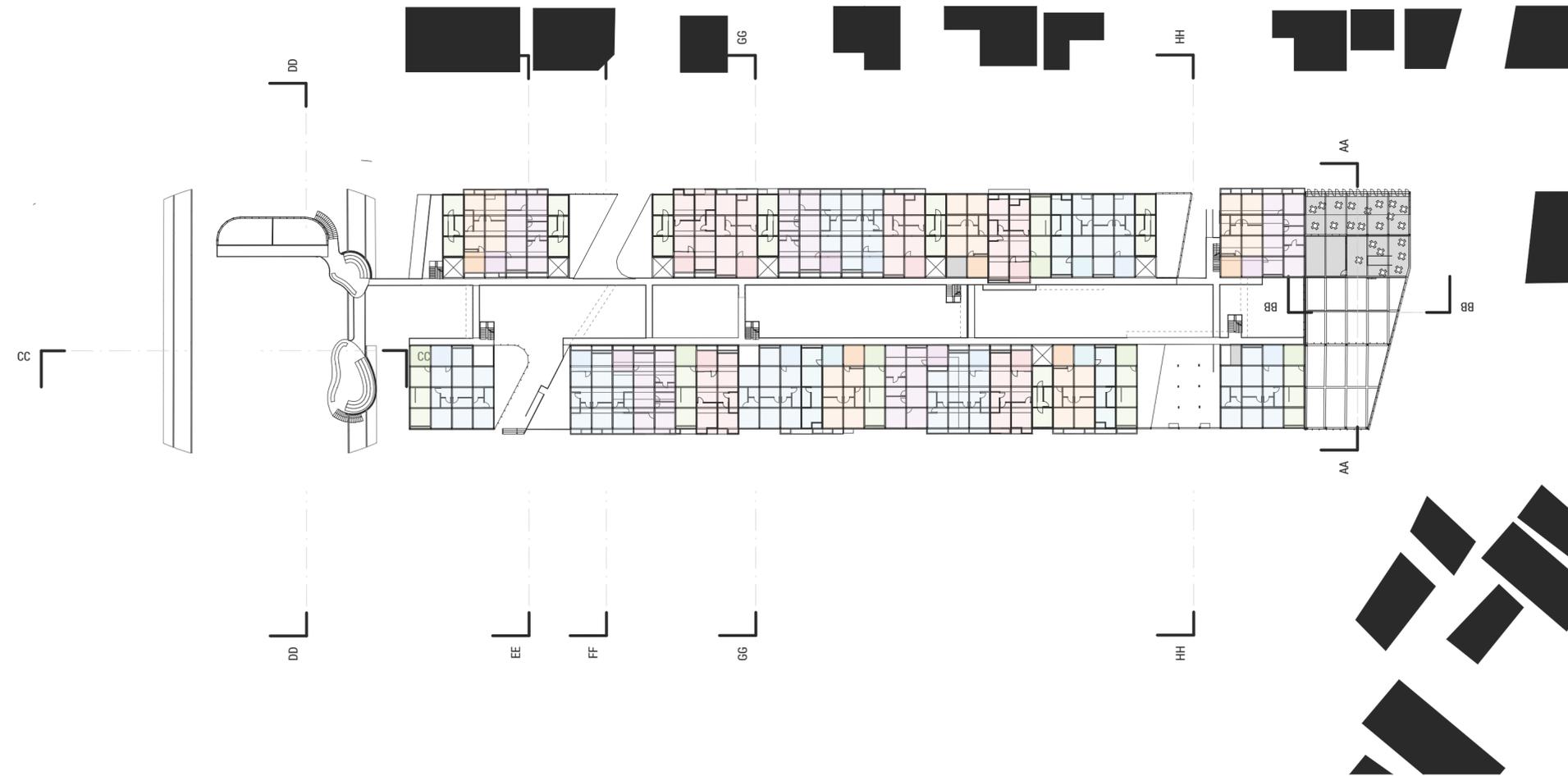
● circulação vertical
 — circulação horizontal térreo

- hortas comunitárias
- lavanderias comunitárias
- cozinha comunitárias
- creche

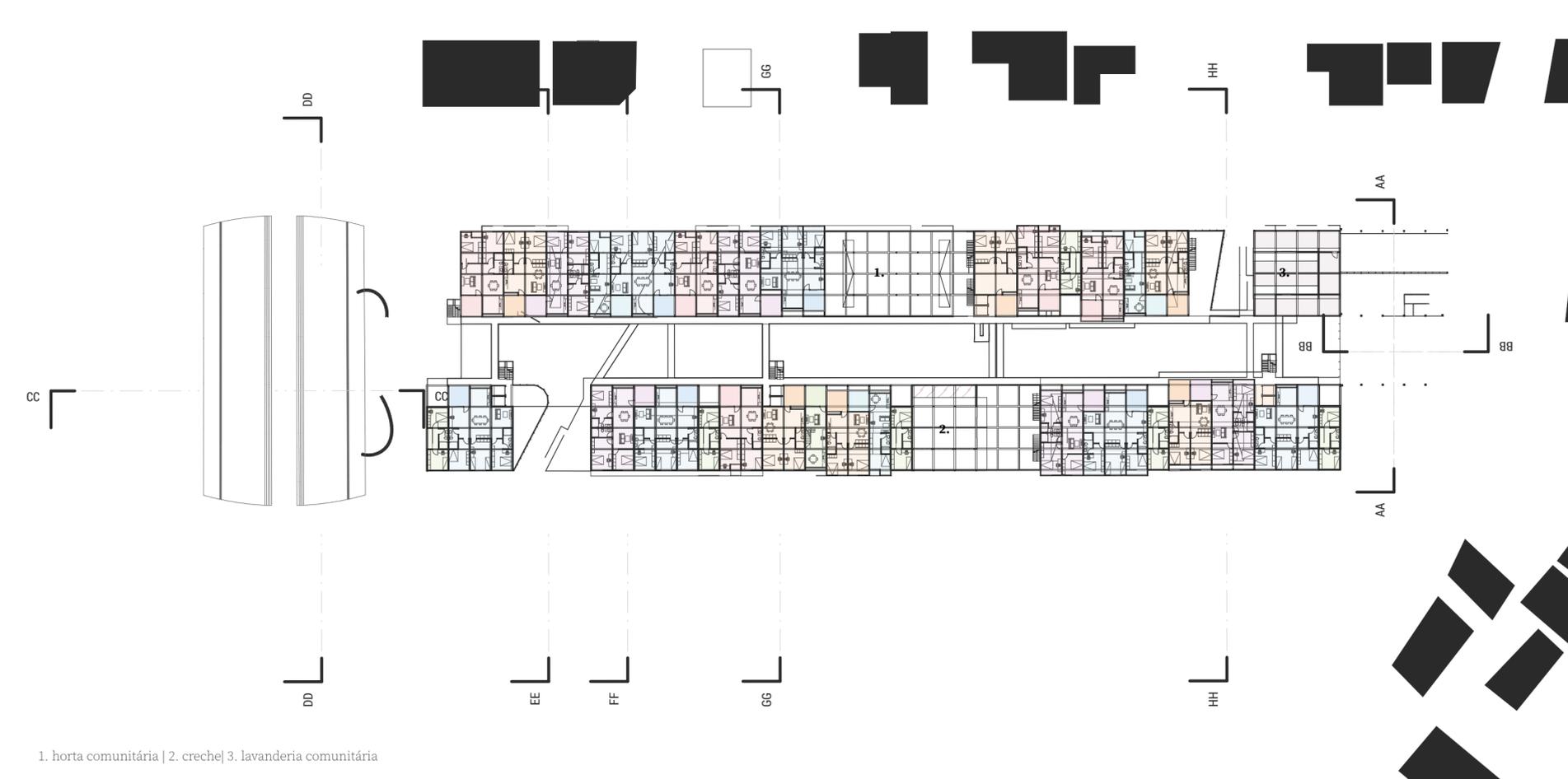


1. arena | 2. pontos comerciais | 3. agência bancária | 4. esquina comercial | 5. churrasqueiras cobertas



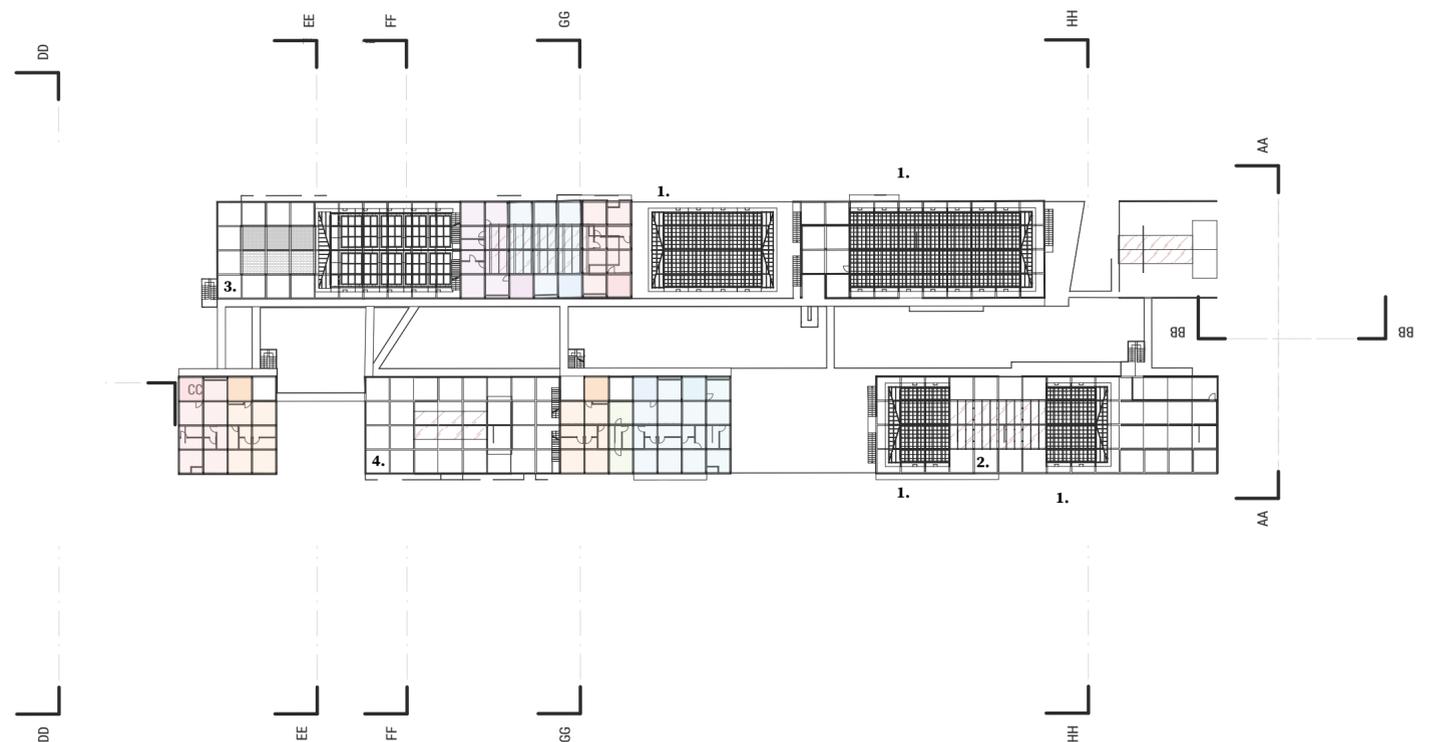


Primeiro andar habitações
 0m 5m 10m 20m 40m



1. horta comunitária | 2. creche | 3. lavanderia comunitária

Segundo andar habitações
 0m 5m 10m 20m 40m

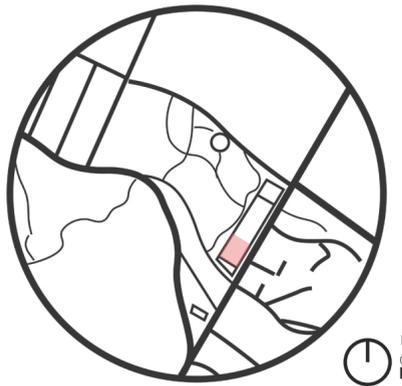


1. hortas comunitária | 2. estufa | 3. lavanderia comunitária | 4. cozinha comunitária



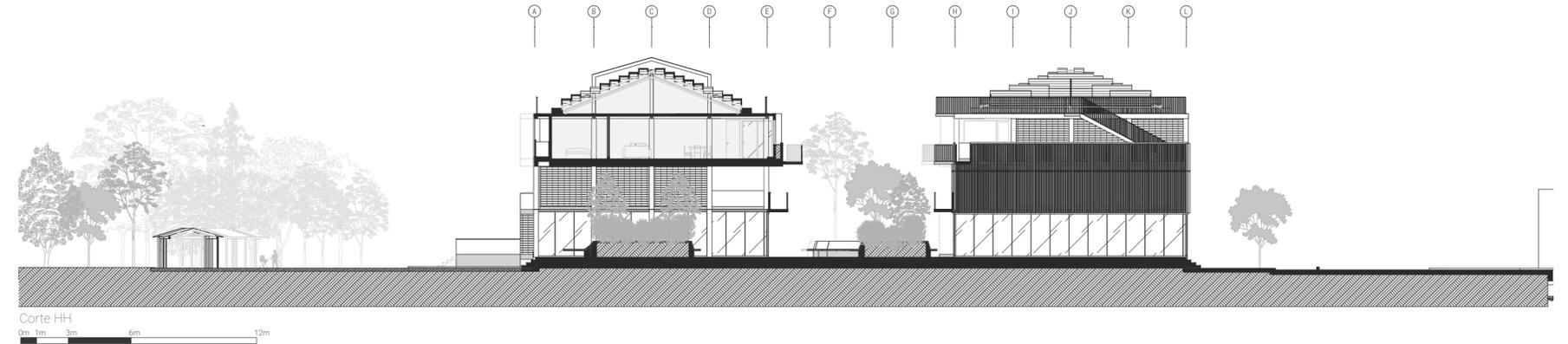
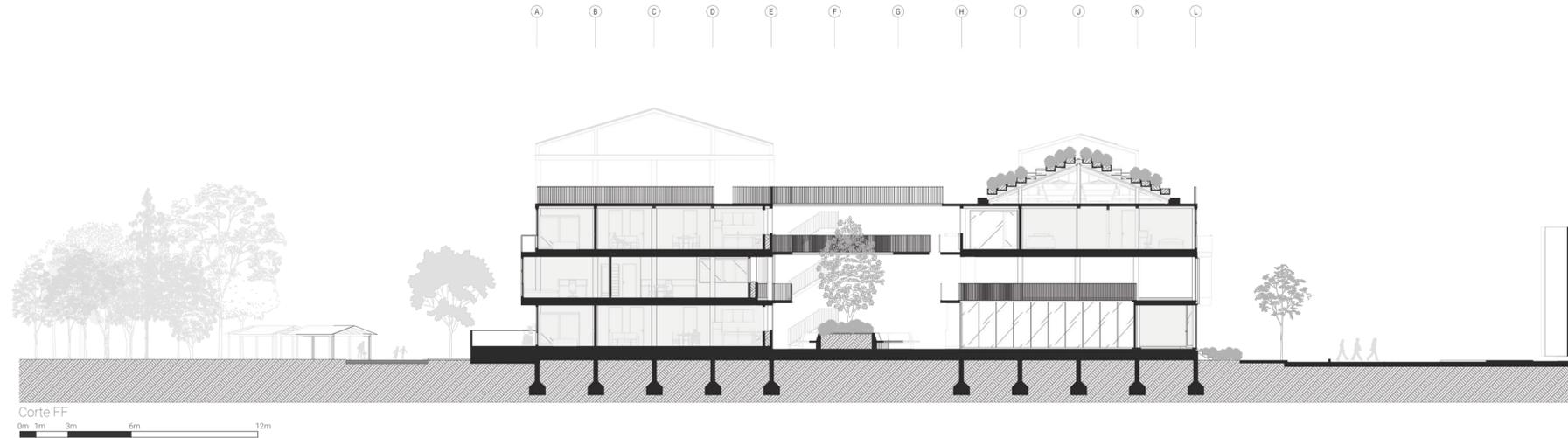
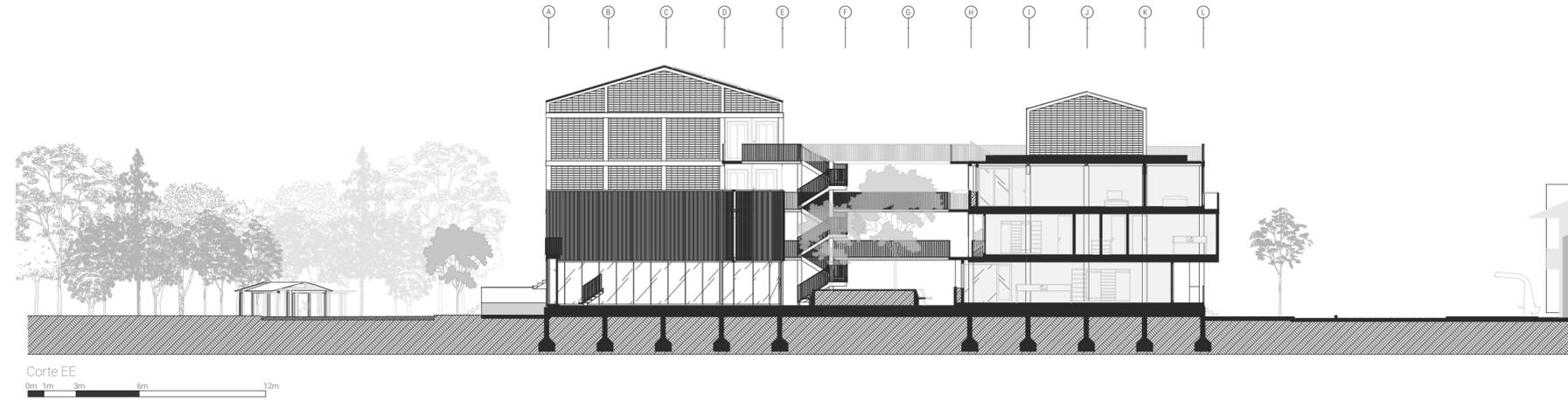
Terceiro andar habitações

1. agência bancária | 2. loja/serviço



recorte térreo habitações





as unidades

A unidades foram pensadas para criar uma maior pluralidade nas famílias e usuários da habitação. desta forma elas variam em quantidade de cômodos, áreas internas, e a possibilidade de adaptação a novas formas de layout. Sendo assim elas foram distribuídas em quantidades que refletissem as demandas existentes, e as propostas de ocupação.



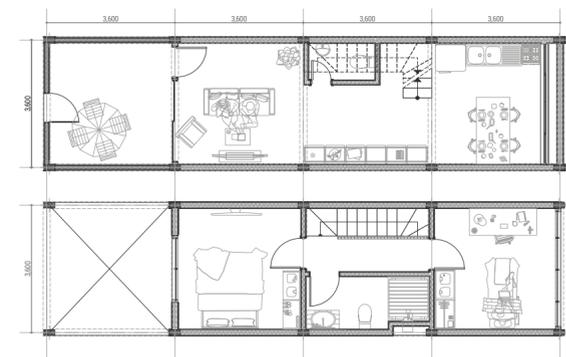
módulo 1



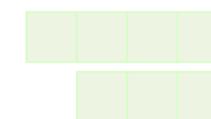
módulo 2



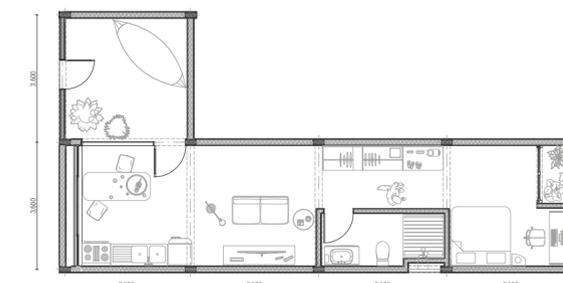
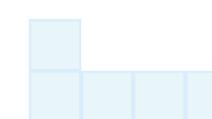
módulo	tipologia	densidade	unidades térreo	unidades 1º pvto	unidades 2º pvto	unidades 3º pvto	total máx. de pessoas	área total
1.		2-4 p	7	6	2	0	60	
2.		1-2 p	5	3	3	1	22	
3.		3-4 p	7	5	7	2	114	
4.		3-6 p	6	6	5	2	102	
5.		4-6 p	5	5	5	1	90	
6.		4-6 p	7	7	5	2	190	
		337 hab/ha	37	32	27	8	578	9600m²



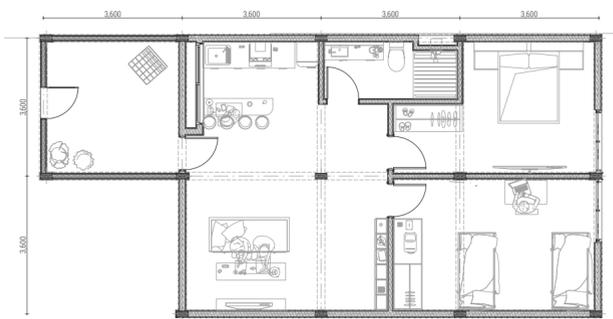
Área interna	77,76m²
Área de transição	12,96m²
Área de total	90,72m²
Capacidade Planejada	3 a 4 pessoas
Número de módulos	7
Quantidade no conjunto	15



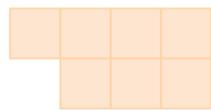
Área interna	51,84m²
Área de transição	12,96m²
Área de total	64,80m²
Capacidade Planejada	1 a 2 pessoas
Número de módulos	5
Quantidade no conjunto	11



módulo 3



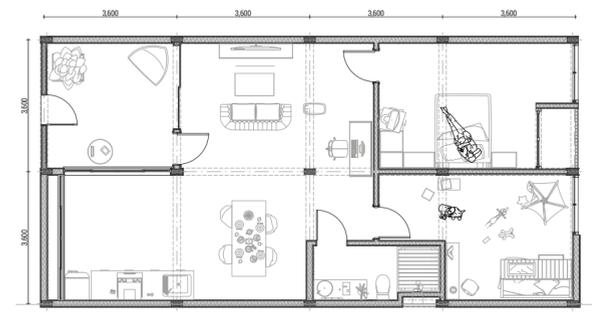
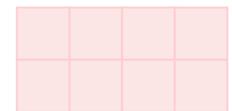
Área interna	77,76m ²
Área de transição	12,96m ²
Área de total	90,72m ²
Capacidade Planejada	3 a 4 pessoas
Número de módulos	7
Quantidade no conjunto	19



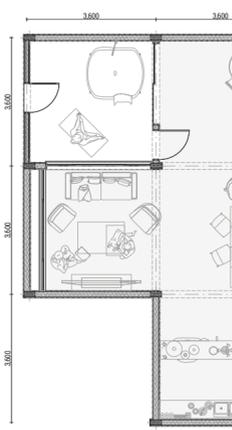
módulo 4



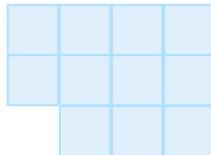
Área interna	90,72m ²
Área de transição	12,96m ²
Área de total	103,68
Capacidade Planejada	4 a 6 pessoas
Número de módulos	8
Quantidade no conjunto	17



módulo 5



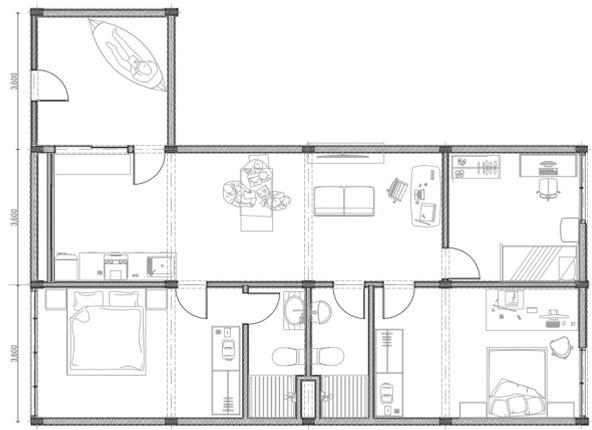
Área interna	129,60m ²
Área de transição	12,96m ²
Área de total	142,56m ²
Capacidade Planejada	4 a 6 pessoas
Número de módulos	11
Quantidade no conjunto	19



módulo 6



Área interna	103,68m ²
Área de transição	12,96m ²
Área de total	116,64m ²
Capacidade Planejada	4 a 6 pessoas
Número de módulos	9
Quantidade no conjunto	15

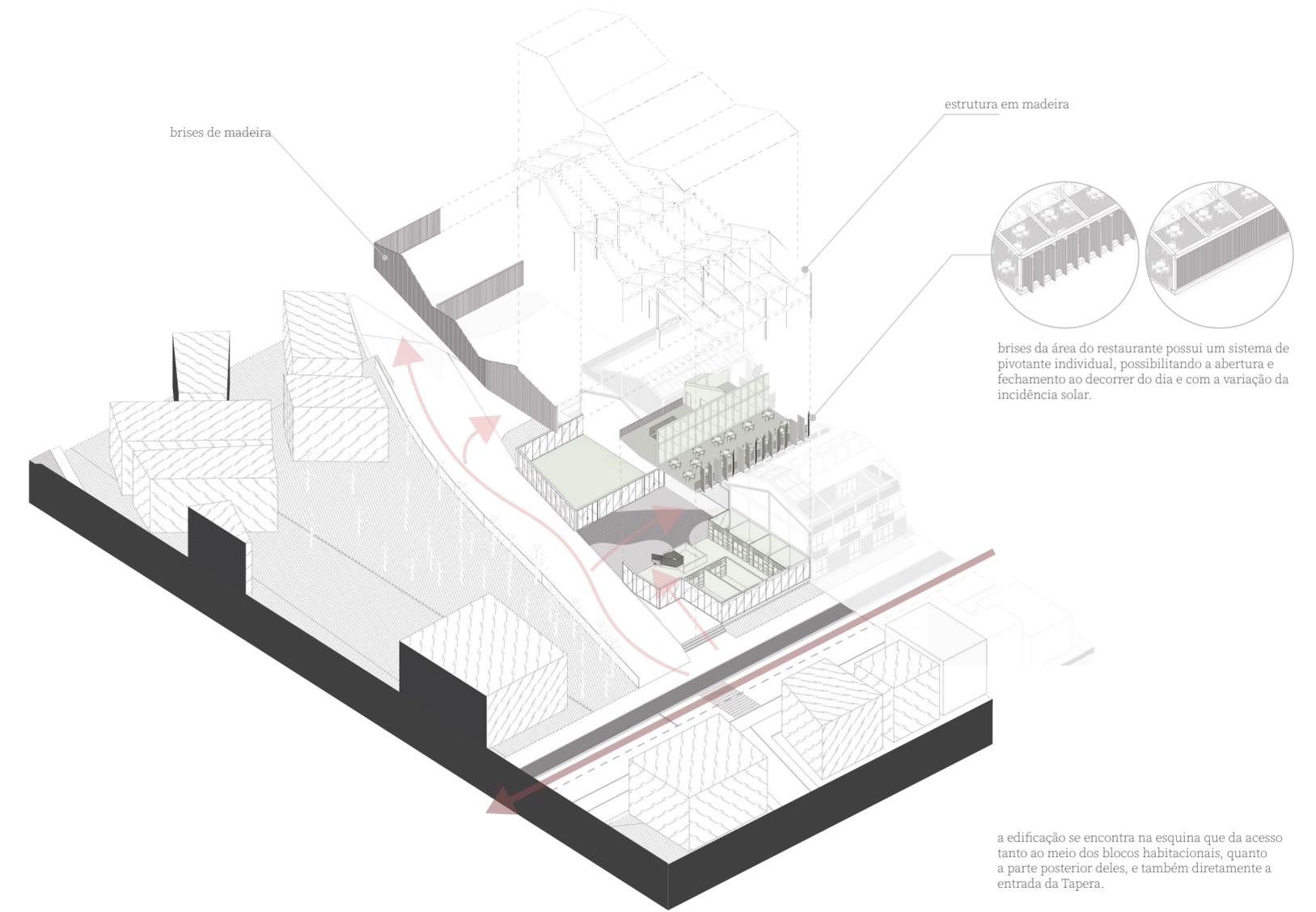




a esquina comercial



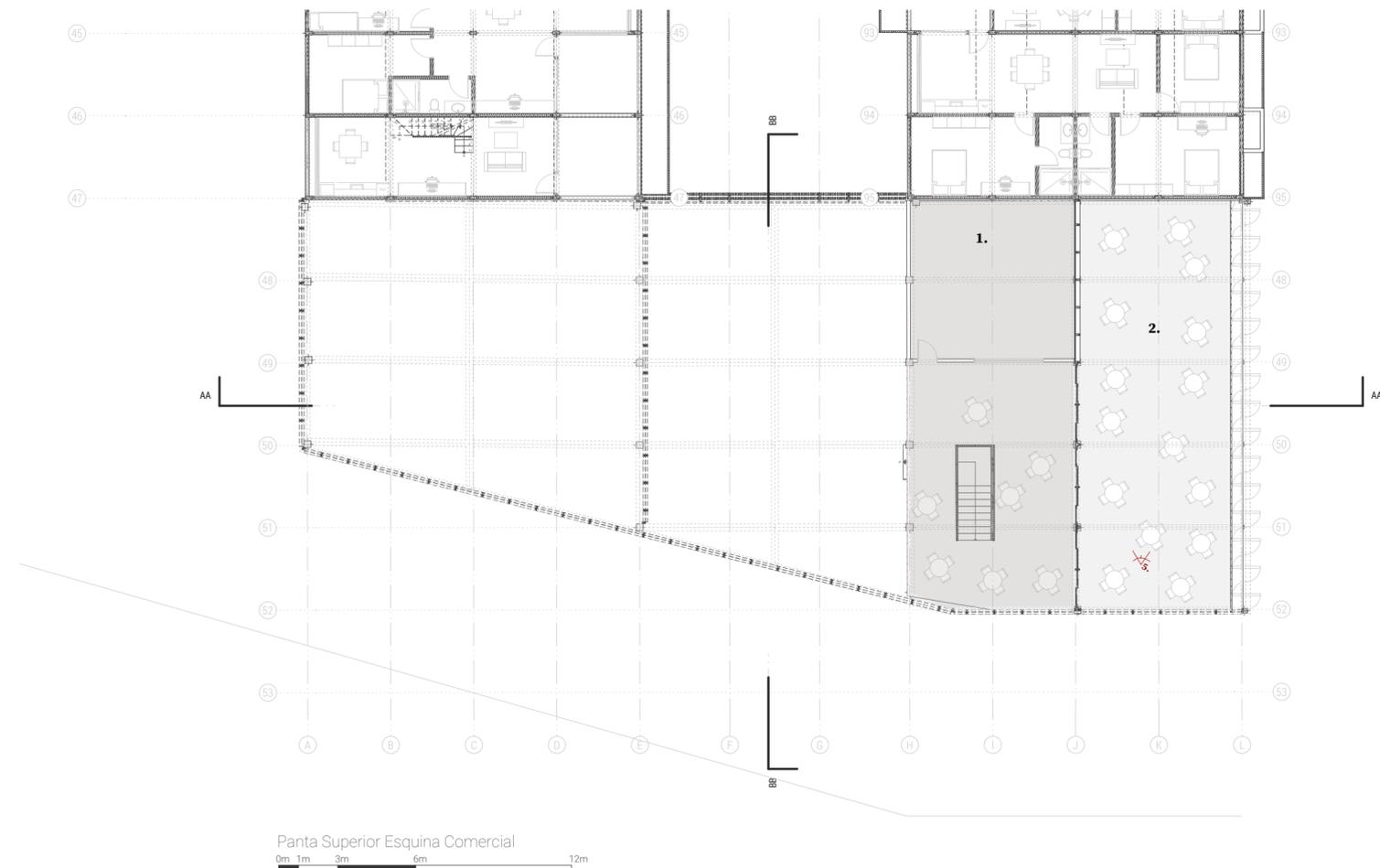
Localizada em um dos extremos do bloco habitacional, a esquina comercial tem o intuito de promover um foco de serviços, com um Direto do Campo, voltado a produtos alimentícios a um baixo custo. No pavimento superior foi locado também um espaço para restaurante popular, que juntamente com o resto do edifício tem o objetivo de manter os preços baixo e acessíveis à população com a ajuda do município.



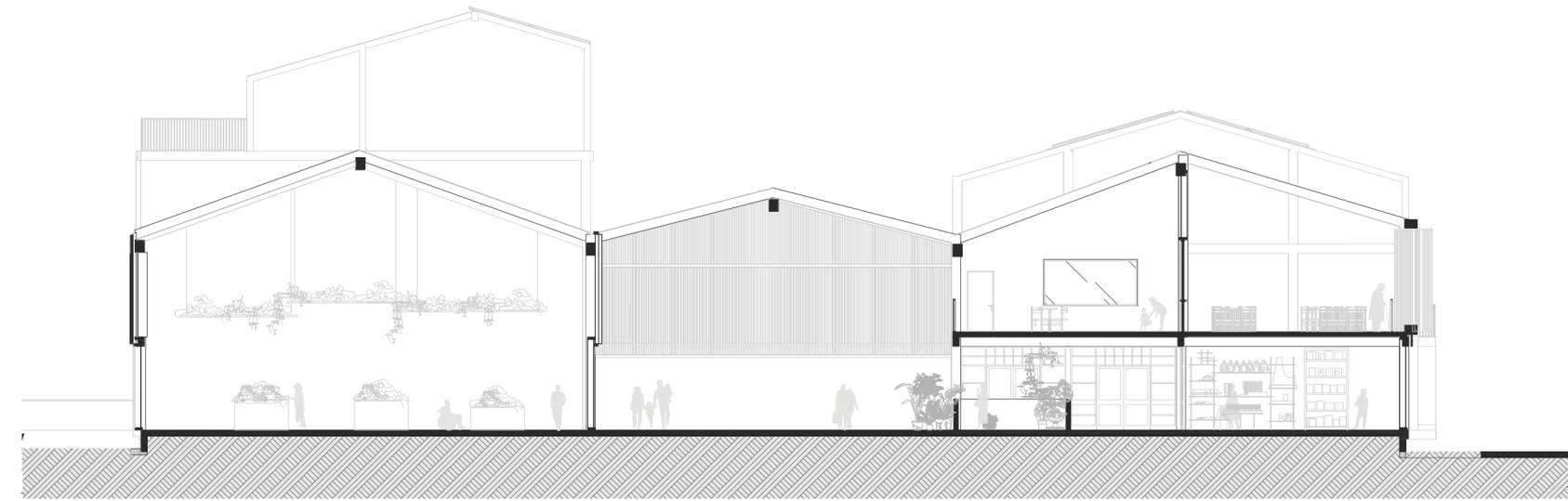
a edificação se encontra na esquina que dá acesso tanto ao meio dos blocos habitacionais, quanto a parte posterior deles, e também diretamente a entrada da Tapera.



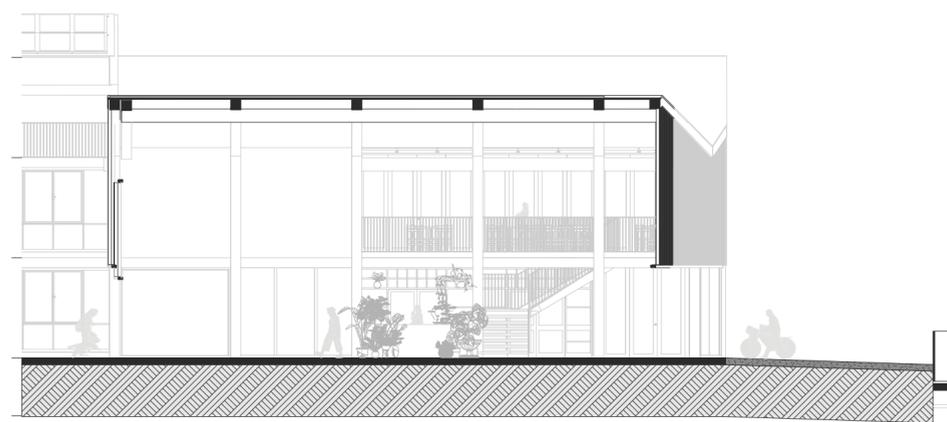
1. direto do campo | 2. loja | 3. floricultura



1. restaurante popular | 2. área externa



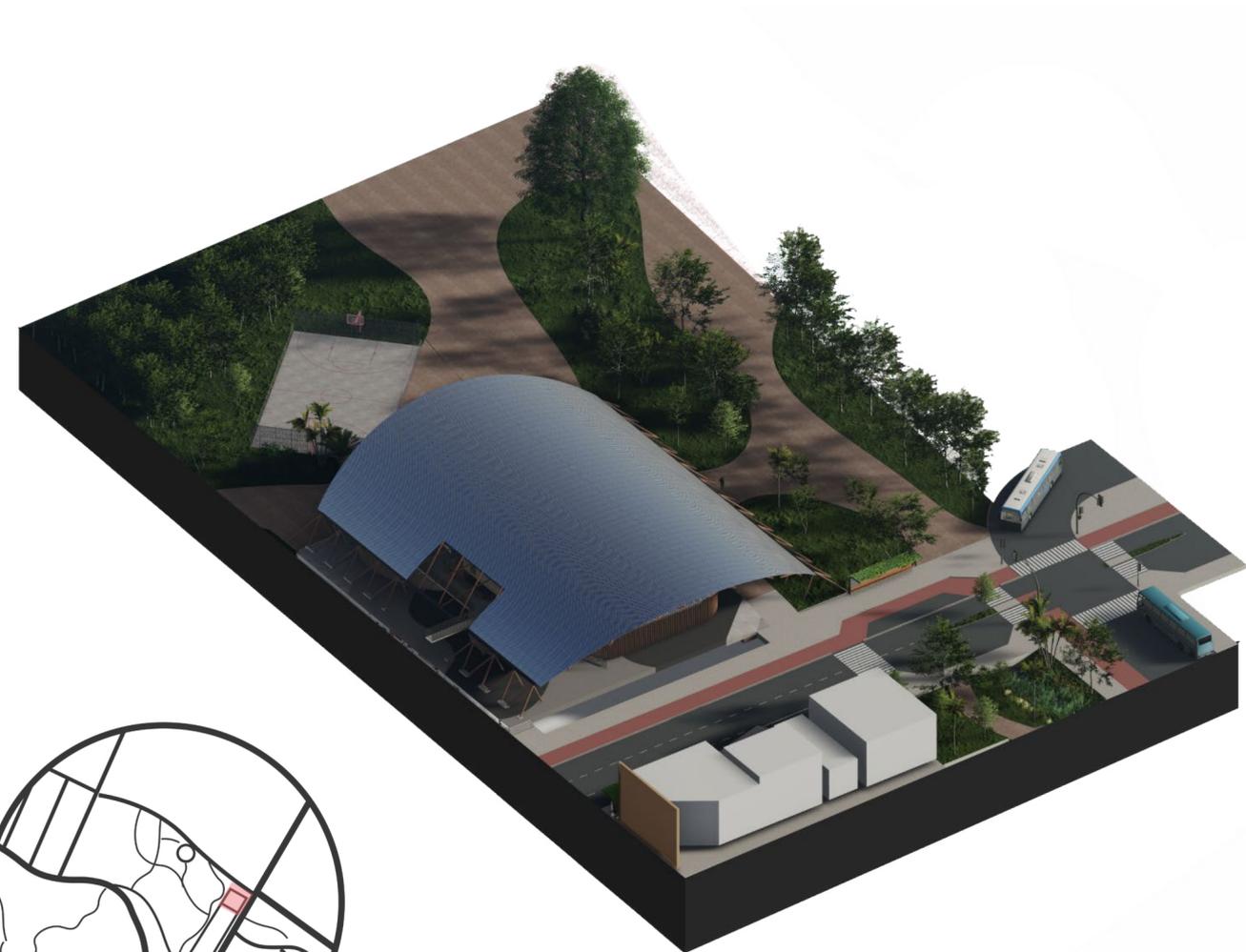
Corte AA
0m 1.5m 3m 6m 12m



Corte BB
0m 1.5m 3m 6m 12m



a arena esportiva



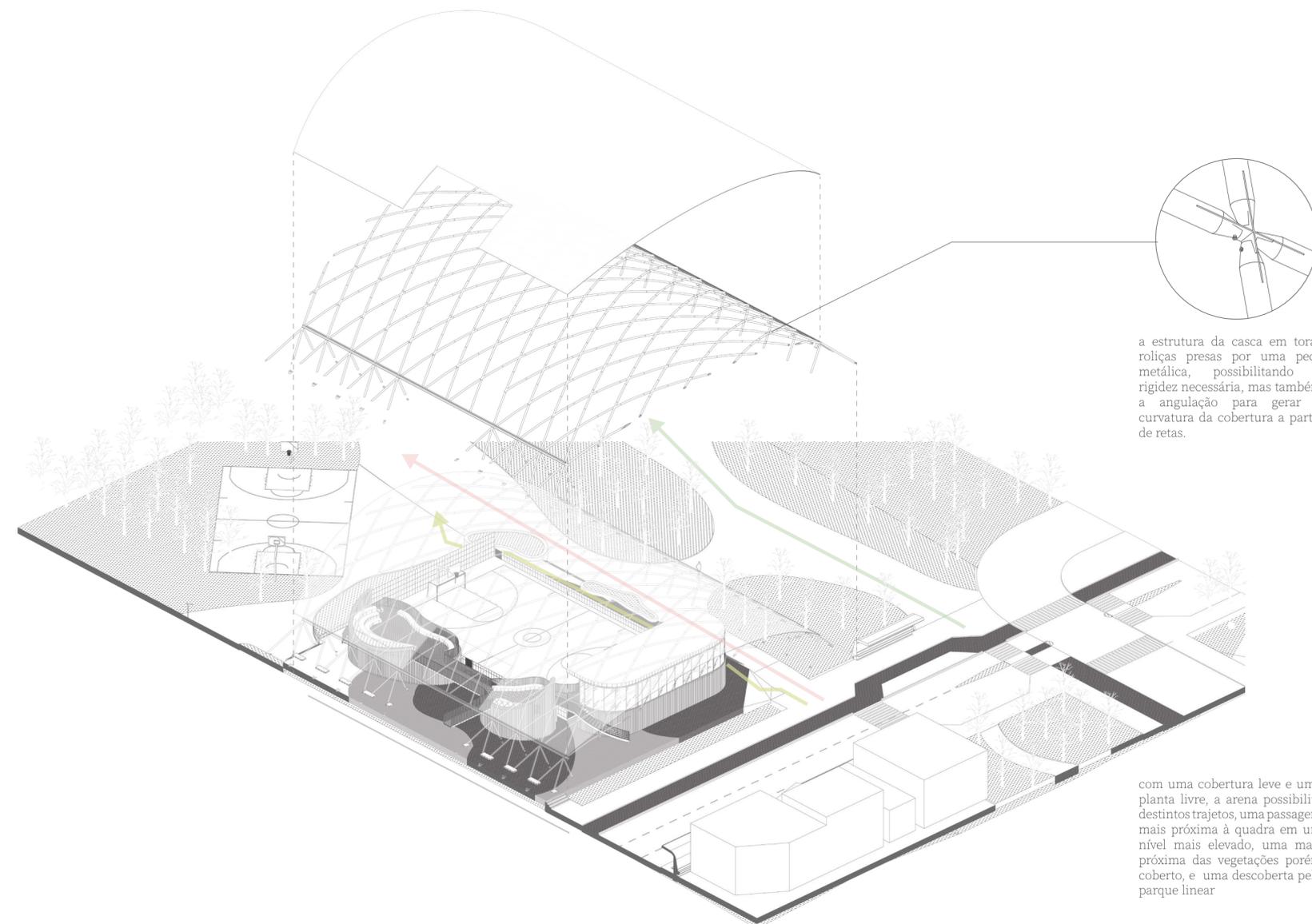
A implantação da arena se dá em um nó de conexões muito forte do projeto, o encontro da via principal com a chegada do parque linear e do BRT. Por conta disso a arena tem a função de conectar as habitações com o parque e o restante da cidade.

Com um formato curvo, a cobertura da arena cria espaço livre sob ela para o trânsito de pessoas e a prática de esporte.

A estrutura da cobertura é feita em toras de madeira roliças que poderiam ser uma forma de reutilizar a parte da floresta de pinus e eucalipto retiradas do local para a implantação do projeto.

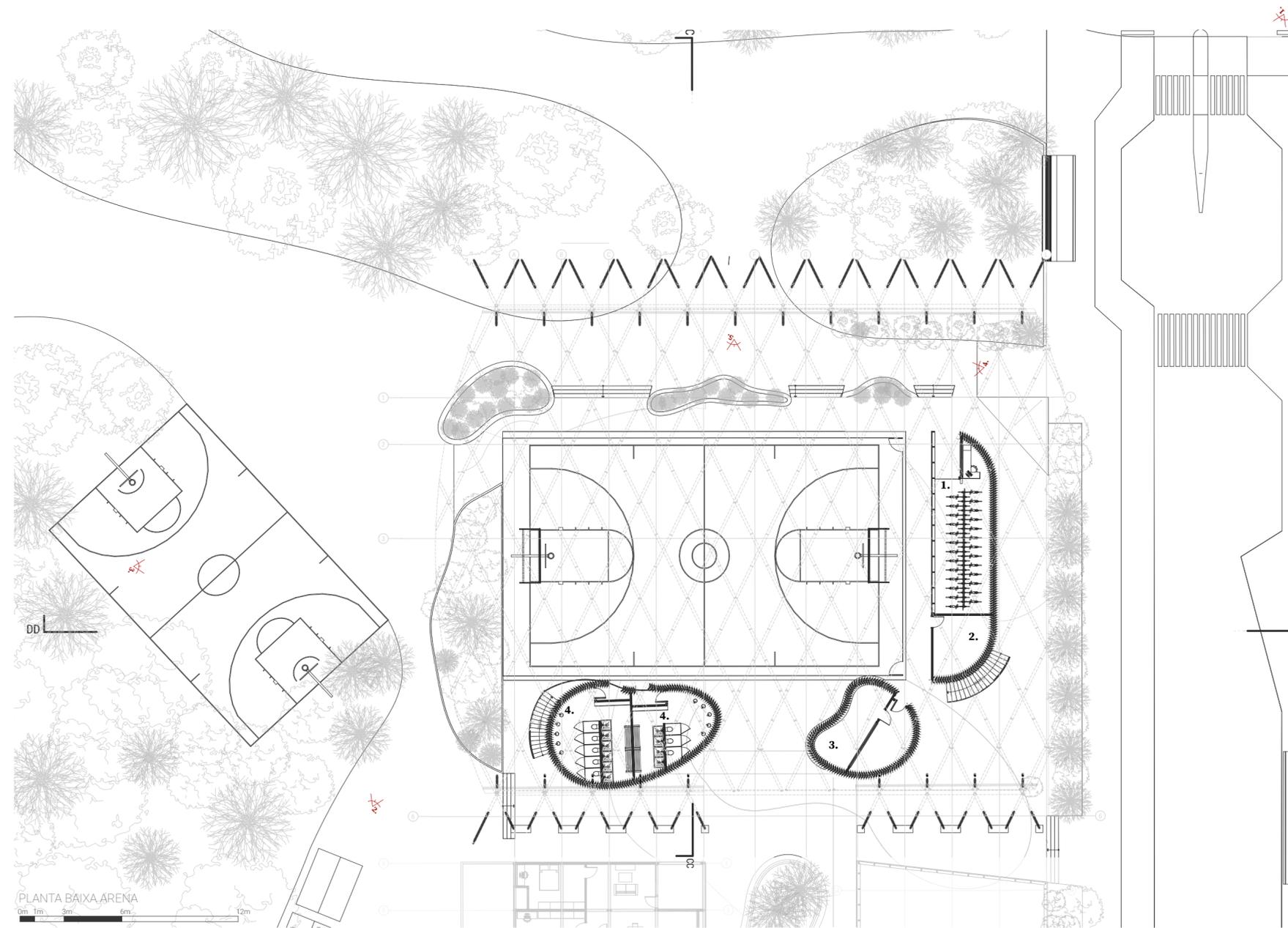
Em seu programa foi incluído uma área de terminal de bicicletas, para facilitar a conexão intermodal entre BRT, ônibus locais e bicicletas.

No pavimento superior, foi acrescentado salas de dança para aulas à comunidade.

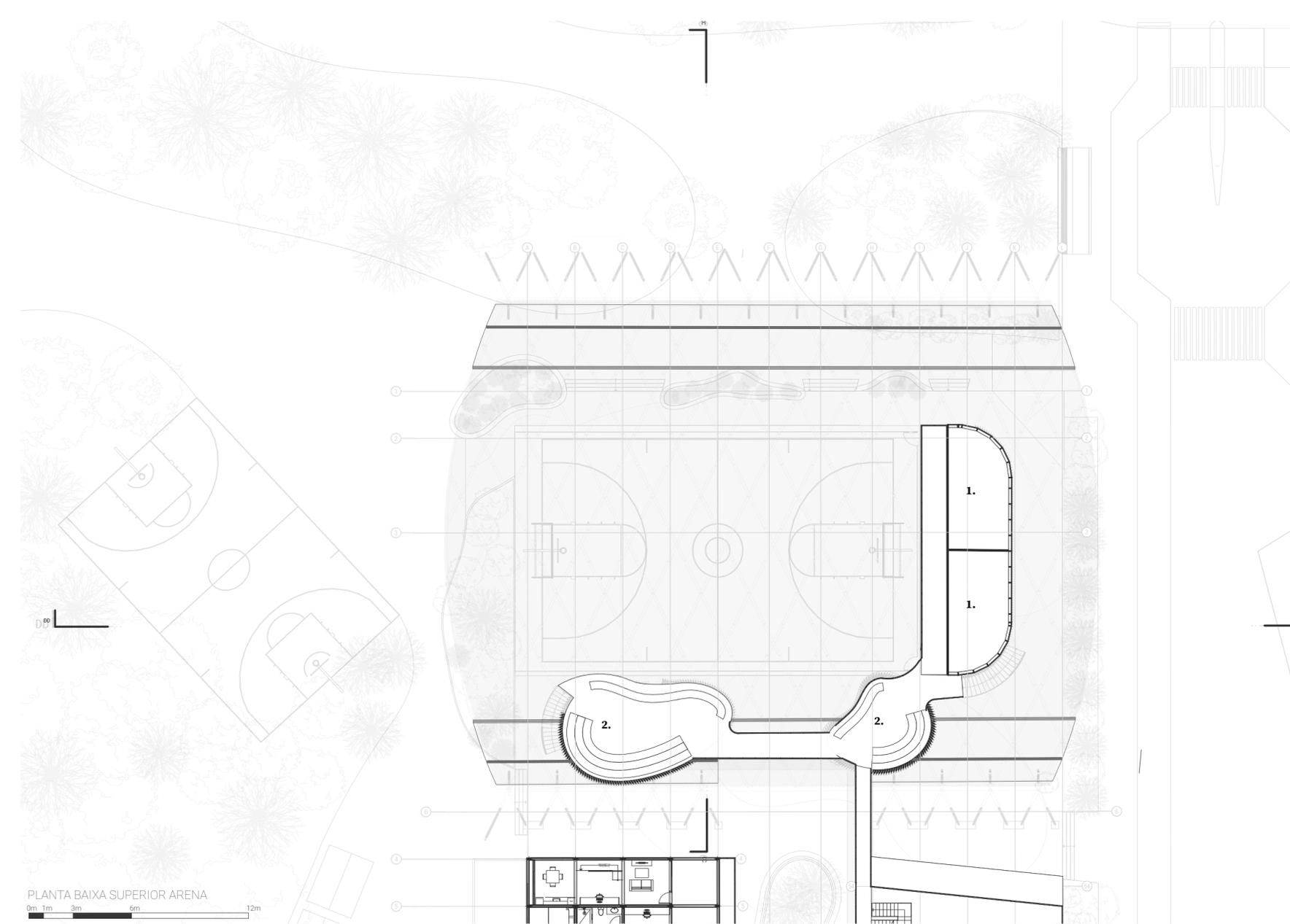


a estrutura da casca em toras roliças presas por uma peça metálica, possibilitando a rigidez necessária, mas também a angulação para gerar a curvatura da cobertura a partir de retas.

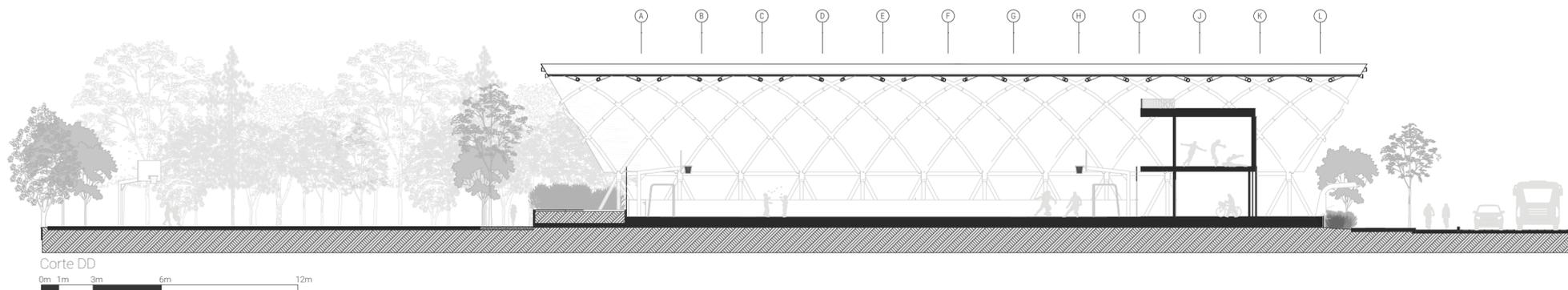
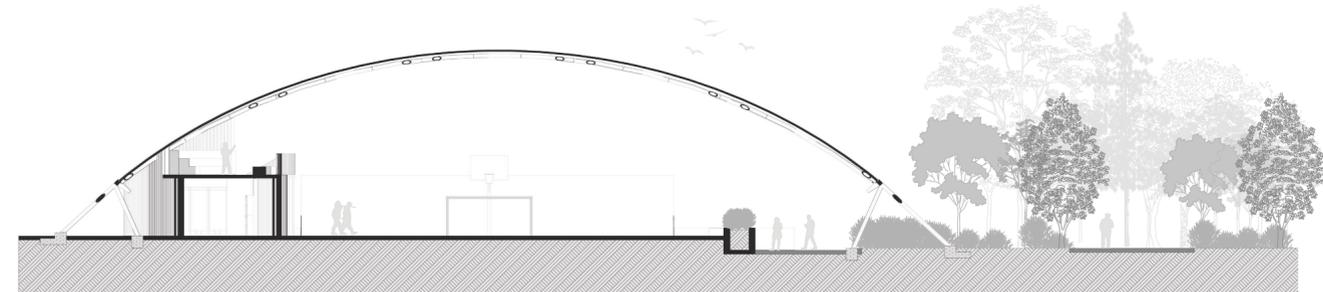
com uma cobertura leve e uma planta livre, a arena possibilita distintos trajetos, uma passagem mais próxima à quadra em um nível mais elevado, uma mais próxima das vegetações porém coberto, e uma descoberta pelo parque linear



1. estação de bicicletas | 2. depósito de equipamentos esportivos | 3. cantina | 4. vestiários



1. salas de dança | 2. arquibancadas



o mirador



O Mirador é um equipamento voltado ao parque e à ecologia. Está mais no interior da área de florestas, próximo ao manguezal e ao rio que adentra a área de intervenção.

Seu programa é pautado no apoio ao lazer e esporte do parque, possuindo em sua base pontos de aluguel de bicicleta, standup, caiaques, e banheiros. Possui também um auditório, servido como palco para palestras de escolas da região, ou da UFSC.

A torre do Mirador funciona com elevador que leva o usuário até o penúltimo andar e um sistema de rampas que conduz o mesmo até o térreo passando pelos diferentes pontos de observação e eixos visuais da região.

O último andar é voltado à órgãos de fiscalização ambiental da região, cuja pauta é muito forte no plano diretor participativo em construção atualmente. O foco é observar e regulamentar o uso dos espaços verdes e frear o avanço da construção nos biomas nativos.



vista da ilha Dona Francisca, Maciço do Ribeirão e Cambirela



vista do Morro do Lampião e Ilha do Campeche

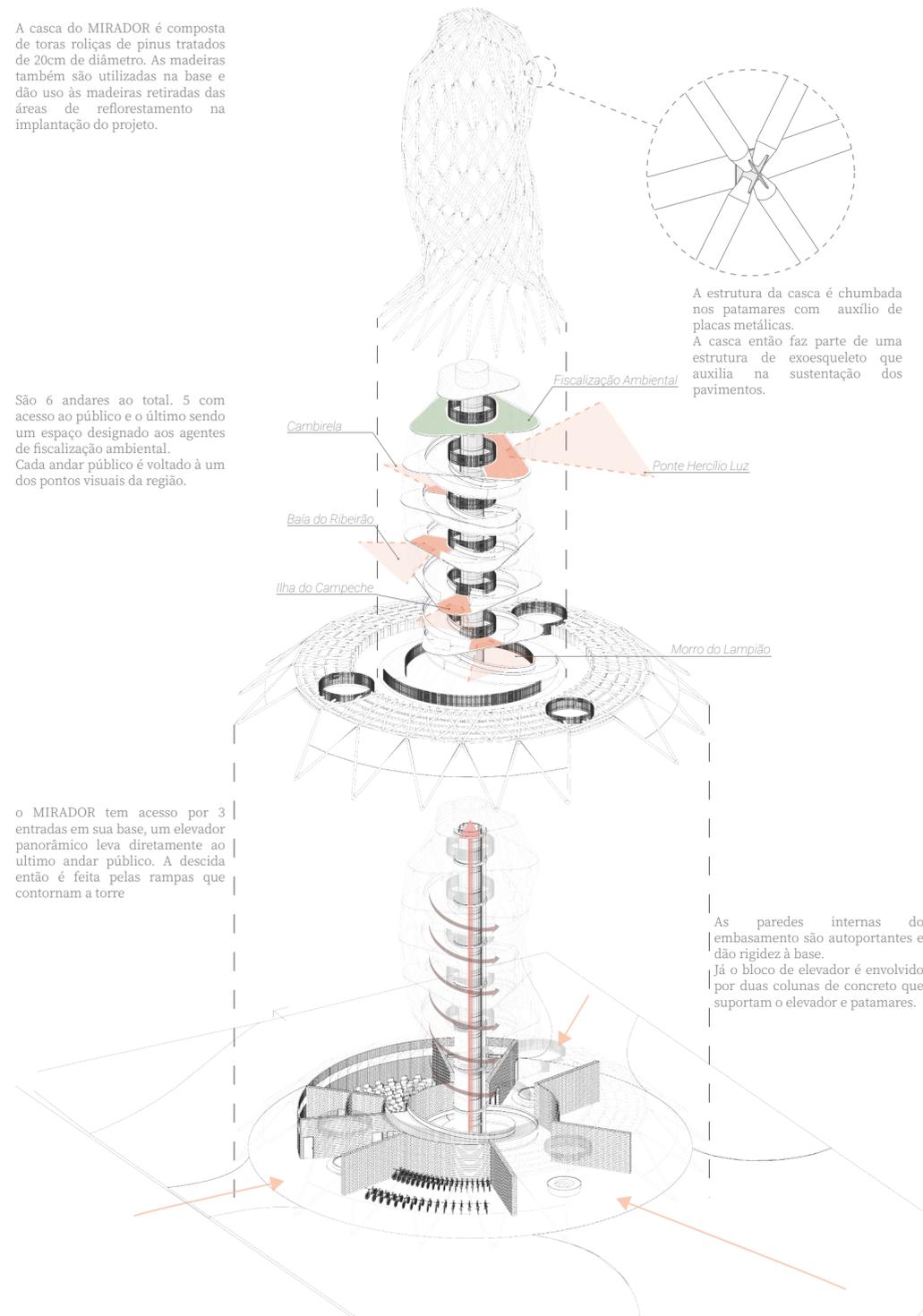


vista da ponte Hercílio Luz e Morro da Cruz

A casca do MIRADOR é composta de toras roliças de pinus tratados de 20cm de diâmetro. As madeiras também são utilizadas na base e dão uso às madeiras retiradas das áreas de reflorestamento na implantação do projeto.

São 6 andares ao total. 5 com acesso ao público e o último sendo um espaço designado aos agentes de fiscalização ambiental. Cada andar público é voltado à um dos pontos visuais da região.

o MIRADOR tem acesso por 3 entradas em sua base, um elevador panorâmico leva diretamente ao último andar público. A descida então é feita pelas rampas que contornam a torre



A estrutura da casca é chumbada nos patamares com auxílio de placas metálicas. A casca então faz parte de uma estrutura de exoesqueleto que auxilia na sustentação dos pavimentos.

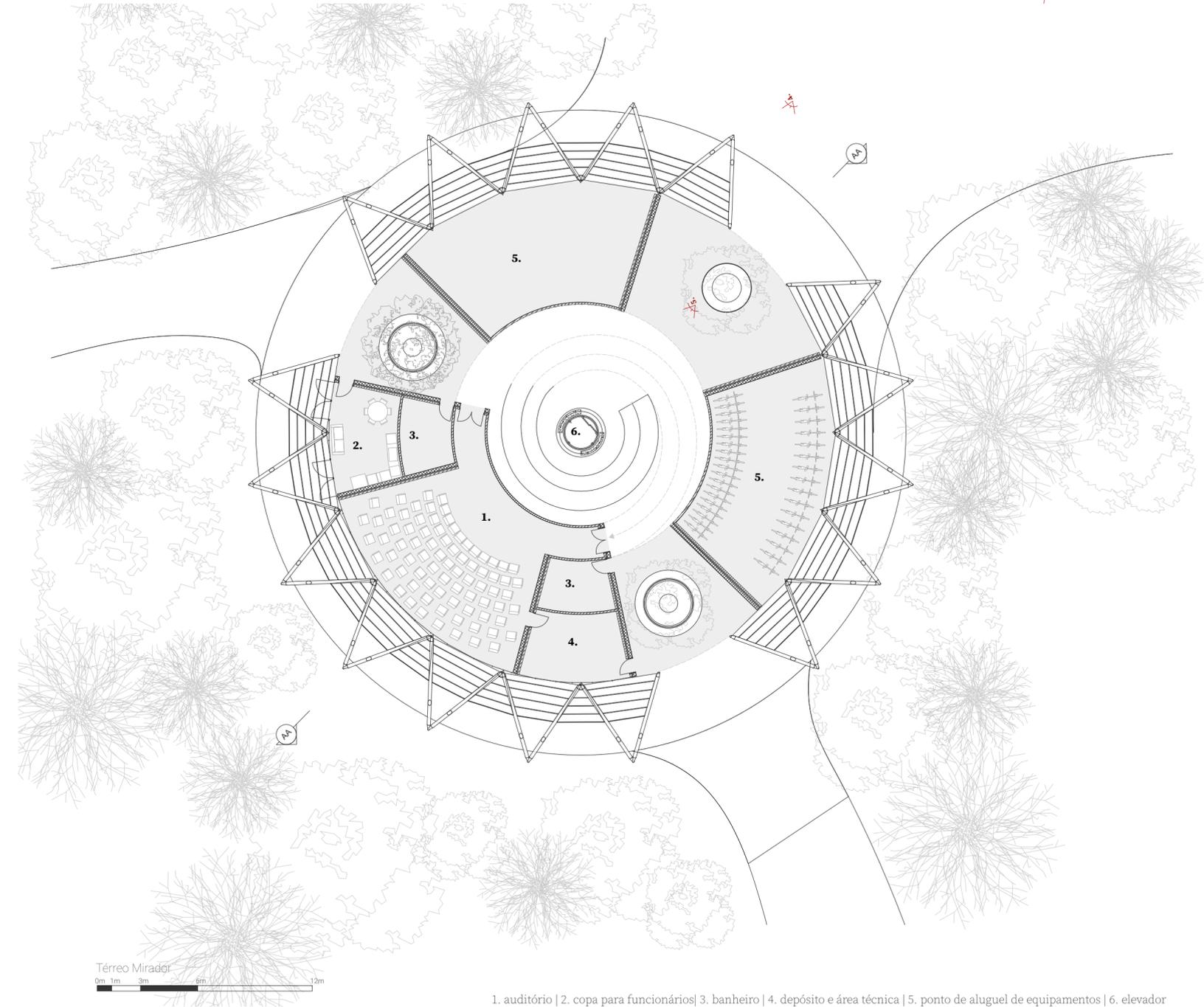
As paredes internas do embasamento são autoportantes e dão rigidez à base. Já o bloco de elevador é envolvido por duas colunas de concreto que suportam o elevador e patamares.



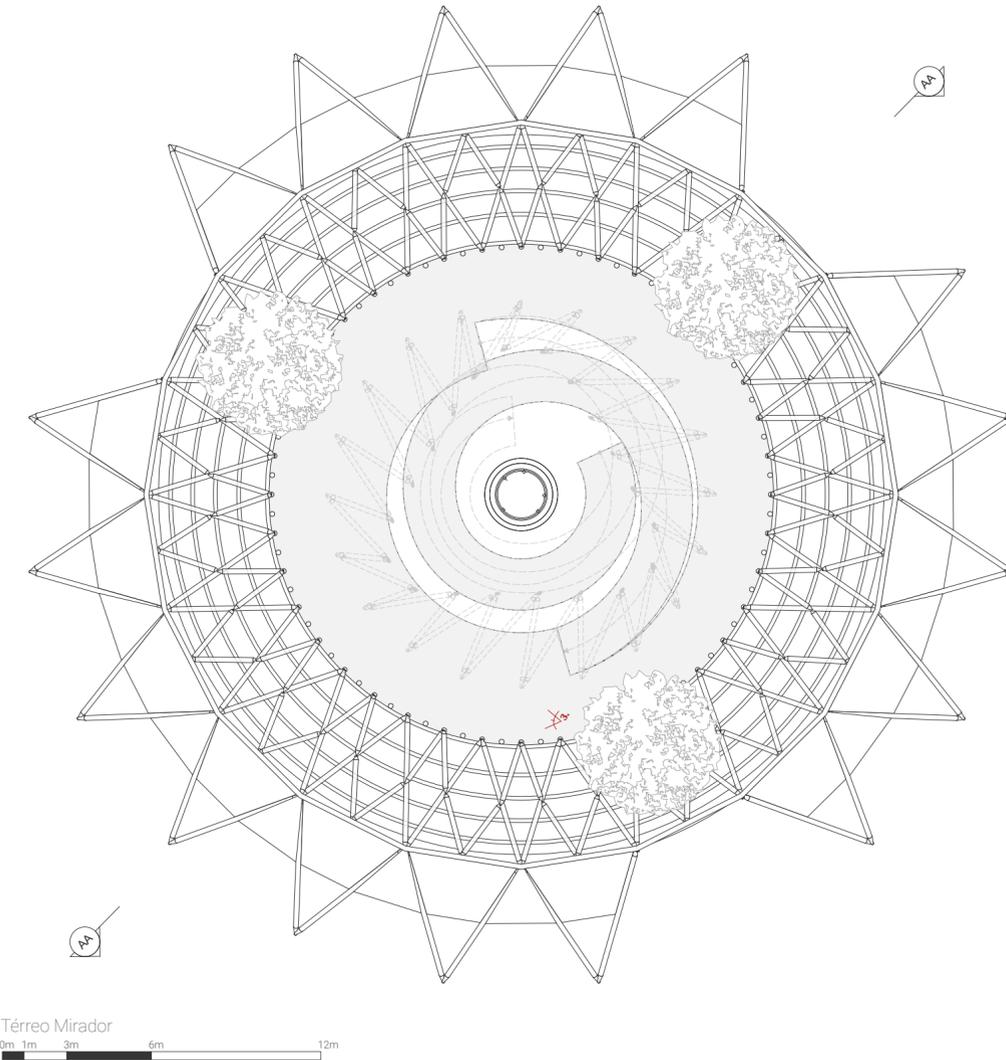
vista a partir de rua da Tapera

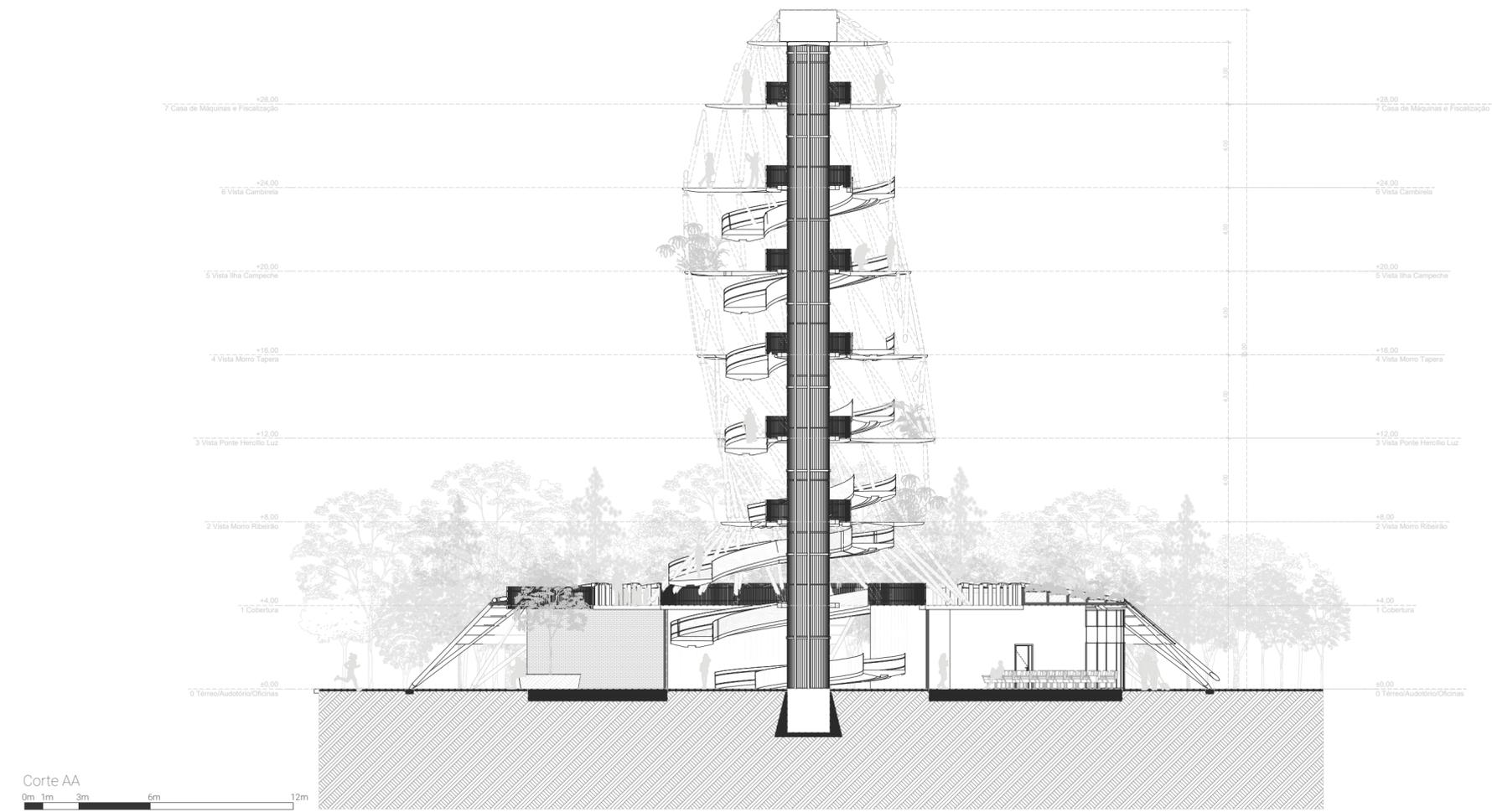


vista a partir de rua do alto ribeirão



1. auditório | 2. copa para funcionários | 3. banheiro | 4. depósito e área técnica | 5. ponto de aluguel de equipamentos | 6. elevador





1.



3.

4.

5.



A nível de reflexão, penso que a utopia desta minha visão talvez não esteja na arquitetura proposta e nesta vida articulada, utilizando espaços residuais como potenciais pra sociedade, mas sim em uma utopia de projeto político que tenha interesse de que isso seja possível. Será que um dia alcançaremos esta utopia? Dentro da atual situação política, há um sonho conjunto de mudança? Quem serão os atores necessários para que cheguemos perto deste futuro?

Quando sinto que algo é alcançável e já fundamentado para ter sido feito pra ontem, penso que o que falta é só começar.

Unidade de Vida Articulada da Tapera